

ARTIGOS

HISTÓRIA DA PALESTINA NOS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO (II).

(Continuação).

I PARTE

HISTÓRIA POLÍTICA DA PALESTINA NOS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO.

(c. 37 a. C. — 135 d. C.)

CAPÍTULO I.

REINADO DE HERODES, CHAMADO O GRANDE.

[40 (37) — 4 a. C.].

§ 1. — Herodes até à conquista do reino (c. 73-37 a. C.).

86. — I. **Origens e juventude de Herodes.** — Herodes, chamado o Grande, entra bastante abruptamente na história, depois do papel preponderante que seu pai Antípater, ministro de Hircano II, desempenhou na libertação de Caio Júlio César em Alexandria em 47 a. C. (n. 18). Temos, porém, elementos suficientes para formar uma idéia sobre suas origens, sua formação e seu caráter. O próprio Antípater, ou Antipas (A. 14, 1, 3 § 10) (1), era filho de outro Antípater, que havia sido nomeado governador da Iduméia por Alexandre Janeu (103-76) e sua mulher Alexandra Salomé (ib.). Os idumeus ou edomitas, descendentes de Esaú ou Edom (Gen. 36, 1), haviam sido anexados à Judéia pelos hasmoneus, e ocupavam, na época que nos interessa, a região ao sul de Betsur e Hebrón, até

(1). — Talvez Antípater filho se chamasse Antipas em vida do pai, para distinguir-se d'ele (F.-M. Abel 1, 248). Antipas, nome igualmente de um dos filhos de Herodes, é provavelmente abreviação de Antipatros (em latim Antipater, cf. Cicero, *Tusculanarum Disputationum* 5, 37, 107 etc.), como Artemãs o é de Artemídoros, etc., cf. F. Blass-A. Debrunner, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, 8a. ed., Göttingen 1949, 60. Um Antipas aparece também em Apc. 2, 13, nome que outros lêem Antipās (F. Blass-A. Debrunner, ib., etc.). A. Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. 2 (Nomes Próprios), Rio de Janeiro 1952, 20, quer que se diga em português Antipatro e Antipas, e refere que, conforme J. J. Nunes, este último nome deriva do grego *anti*, contra, e *pās*, todo, e se interpreta como 'o que resiste a tudo, dotado de força, robustez'. — Aqui usamos o acento grego de Antipas e a forma latina de Antipater.

à altura de Gaza e à ponta meridional do Mar Morto (2). Em sua posição de governador desta província, Antípater pai soube granjear amigos entre as tribos árabes vizinhas e os habitantes de Gaza e Ascalão, por meio de presentes substanciais (ib.). Parece que Antípater filho sucedeu ao pai na mesma posição (3), pois vêmo-lo continuar a política de amizade do pai (G. 1, 8, 9 § 181; A. 14, 17, 3 § 122) e sua influência sobre Hircano II (n. 13) explica-se melhor nesta suposição.

87. — Outro filho de Antípater pai, José, tio, por conseguinte, de Herodes (4), aparecerá igualmente na história deste último como marido de sua irmã Salomé (G. 1, 22, 4 § 441-5 § 444; A. 15, 3, 5 § 65-7 § 70 e 9 § 80-87). Menciona-se de passagem ainda outro irmão de Antípater, Falión, que caiu entre os mortos da parte de Aretas III na batalha em que saiu vitorioso Aristóbulo II em 65 a. C. (A. 14, 2, 3 § 33; G. 1, 6, 3 § 130). Aparecerá, ainda, na história de Herodes, um primo-irmão — ἀνεψιός — deste, chamado Aquiab (G. 1, 33, 7 § 662; 2, 4, 1 § 55. 5, 3 § 77; A. 17, 7, 1. 10, 5, 10, 10), cujo pai não se conhece. Não consta, por conseguinte, se era parente de Herodes por parte de pai ou de mãe (5). De José, irmão de Antípater, consta ter sido casado com Salomé, irmã de Herodes, mas não sabemos se já o fôra antes. De Falión só consta sua morte (6).

88. — Se Antípater filho soube continuar a política de amizade do pai, soube antes de tudo granjear a amizade de Aretas III, rei da Arábia — isto é, do reino dos nabateus, com

(2). — Ver F.-M. Abel, *Géographie* 1, 281-283 e 2, 135, 152; M.-J. Lagrange 166, etc.

(3). — E. Schürer 1, 315; R. H. Pfeiffer 23.

(4). — Em A. 15, 3, 5 José é chamado θεῖος de Herodes, palavra que pode designar tanto o tio paterno, quanto o materno, *patruus* e *avunculus* em latim. U. Holzmeister 62; A. H. M. Jones, árvore genealógica da casa de Herodes no apêndice; H. St. J. Thackeray 2, idem, dão-no como irmão de Antípater; W. Otto, árvore genealógica entre pp. 16-17, conta com a possibilidade de ele ter sido irmão de Cipros. J. Felten 1, 119; M.-J. Lagrange 171; G. Ricciotti 384; id., *Flavio Giuseppe* 2, 144 simplesmente o citam como tio de Herodes.

(5). — Ἀνεψιός é o primo-irmão, e pode sê-lo do lado paterno e materno. Jacó é primo-irmão de Raquel, por ser filho de Rebeca, irmã de Labão e pai de Raquel (A. 1, 19, 4 § 290). Ver também Pollux, *Onomasticón* 3, 28, citado por T. K. Abbott, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Ephesians and to the Colossians*, Edinburgh 1946, 300.

(6). — Um certo José, chamado ἀνεψιός Ἡρώδου Βασιλέως A. 17, 10, 9 § , é realmente primo-irmão de Herodes Arquelau e filho de José, irmão de Herodes. Em G. 2, 5, 2 § 74 é chamado corretamente ὁ ἀνεψιός Ἀρχελάου Arquelau, em suas moedas, só usa o nome de Herodes e assim também o chama Cássio Dión, *Historia Romana* 55, 27, 6 (cf. U. Holzmeister 67).

a capital em Petra (A. 14, 1, 4 § 16) (7) —, por seu matrimônio com Cipros, filha de ilustre família árabe, ou talvez, de família iduméia aparentada com os árabes (A. 14, 7, 3 § 121s; G. 1, 8, 9 § 181). De Cipros Antípater teve quatro filhos, Fasacl, Herodes, José e Feroras, e uma filha, Salomé (A. 14, 7, 3 § 121; G. 1, 8, 9 § 181). Esta última será o mau gênio de Herodes, e, juntamente com sua mãe Cipros e Antípater, filho de Herodes, causadora de suas dificuldades domésticas.

89. — Descendente de pai idumeu e de mãe árabe, Herodes certamente não era judeu de raça, ainda que os idumeus tivessem sido forçados a submeter-se ao judaísmo pelos hasmoneus, o que fazia dêles judeus pela religião, se não podiam sê-lo pelo sangue (8). Antígono, rival de Herodes, chama-o de semi-judeu — ἡμιουδαίος — (A. 14, 15, 2 § 403). Se o primeiro Antípater se submetera à circuncisão sob João Hircano (134-104), ou posteriormente (cf. A. 13, 9, 1 § 257s), o que é provável, visto sua posição de confiança como governador da Iduméia, certamente seus netos gozavam de todos os direitos de judeus, como mandava a Lei no Deuteronomio 23, 8 (9). Isto não impedia que os idumeus não fôssem tratados como judeus da última hora: perseguia-os a pecha da conquista (10).

90. — Conforme Nicolau de Damasco, historiador oficial de Herodes (n. 54), a família dêste descendia de uma das primeiras famílias judaicas, que voltaram do exílio da Babilônia, mas, segundo José, dizia-o para agradar a Herodes (A. 14, 1, 3 § 9) (11). Era esta, contudo, a versão oficial da côrte (12).

-
- (7). — Sôbre os *nabateus*, que habitavam ao sul da Iduméia e na Transjordânia, quase até Damasco (segundo as vicissitudes da política internacional), vejam-se E. Schürer 2, 345-363; F.-M. Abel 1, 250-255; id., *Géographie* 2, 148-150. 164-168. No Novo Testamento encontramos seus vestígios ainda em 2 Cor. 11, 32. *Petra*, talvez a Selac do Antigo Testamento (4 Reg. 14, 7; 2 Par. 25, 12); cidade inteiramente talhada da rocha, está situada a cerca de 80 kms. ao sul do Mar Morto.
- (8). — M.-J. Lagrange 166; cf. W. Otto 16. Sôbre a diferença entre *judeus* e *idumeus* cita-se o testemunho de um certo Ptolomeu, natural, ao que parece, de Ascalão, e autor de uma vida (perdida) de Herodes, cf. Amônio, *De Affinium Vocabulorum Differentia*, sub verbo Ἰδουμαῖοι (E. Schürer 1, 56-58; M.-J. Lagrange 164; W. Otto 4). O texto de Ptolomeu, em que nega serem os idumeus judeus de raça, mostra que êle não seguia a versão oficial sôbre as origens de Herodes, versão de quã se fazia propagandista Nicolau de Damasco, como será visto no texto.
- (9). — F.-M. Abel 1, 314.
- (10). — H. Duesberg 97.
- (11). — Πρῶτοι pode interpretar-se em sentido temporal com W. Otto 16, ou tomar-se no sentido de dignidade e de importância com H. St. J. Thackeray 7, 453: his family belonged to the leading Jews who came to Judaea from Babylon.
- (12). — W. Otto 16.

Ora, é sabido que mais de dez por cento dos que voltaram do exílio eram sacerdotes e levitas (13). Há quem queira concluir dêste fato, que Herodes pretendia insinuar, além de sua suposta origem judaica, sua descendência também de família sacerdotal (14). O fato, contudo, é pouco provável. Ainda que se tomem as 'primeiras famílias' no sentido da importância das mesmas, não se segue que Herodes quisesse dar a entender que provinha precisamente de família sacerdotal, se o fato não puder ser comprovado por outra forma. Também a proporção entre sacerdotes e leigos, que voltaram do exílio, não é tal, que se deva logo concluir para os dez ou quinze por cento de sacerdotes, em detrimento dos oitenta e cinco ou noventa por cento restantes.

91. — Lemos, é verdade, em Estrabão, que Herodes sorrateiramente invadiu o sacerdócio — *παράδους εἰς τὴν ἱερωσύνην* — (15), mas é evidente pelo contexto que o autor se refere ao govêrno da Judéia como tal, que êle sabia ser administrada por sacerdotes. Imediatamente antes se refere à pessoa nomeada por Pompeu para o sacerdócio (16), e em outra passagem diz que Alexandre (Janeu) foi o primeiro tirano da Judéia a proclamar-se rei, em lugar de sacerdote (17). Contudo, ainda que se queira tomar *ἱερωσύνην* em sentido próprio, pode rejeitar-se a passagem tôda, porque Estrabão faz de Herodes um descendente de seu predecessor e natural do país — *ἐπιχώριος* —, quando nossos informantes mais seguros o dizem idumeu. Do mesmo modo, quando São Justino Martir afirma que os judeus consideravam a Herodes sumo-sacerdote, trata-se evidentemente de um engano (18). Se encontramos passagens, em que expressamente se insiste no fato de Herodes não ter sido sacerdote (19), não quer isto dizer, que êle tenha pretendido sê-lo

(13). — *Esd.* 2, 64; *Neh.* 7, 66 apresentam o total de 42.360; a soma dos diversos grupos nomeados em *Esd.* 2 e *Neh.* 7 é apenas de cerca de 30.000. As 12.000 pessoas restantes talvez se refiram às mulheres, ver G. Ricciotti 105. A soma dos sacerdotes em *Esd.* 2, 36-38; *Neh.* 7, 39-42 é superior a 4.200.

(14). — W. Otto 16; cf. M.-J. Lagrange 165.

(15). — *Geographica* 16, 2, 46 (p. 765), citado por W. Otto e M.-J. Lagrange ib.

(16). — As edições lêem *Herodes* (I. Casaubonus, *Strabonis Rerum Geographicarum Libri XVII*, Paris 1620, 765; H. L. Jones, *The Geography of Strabo* [Loeb Classical Library], vol. 7, London-Cambridge, Mass. 1954, 298), onde deveria ler-se *Hircano*.

(17). — *Ib.* 40 (p. 762).

(18). — *Dialogus cum Tryphone*, c. 52, 3 (PG 7, 589C-592A). M.-J. Lagrange 165 deriva êste engano da mencionada pretensão de Herodes.

(19). — *Assumptio Mosis*, c. 6, 2: *Et succedit illis rex petulans; qui non erit de genere sacerdotum, homo temerarius et improbus...* (ed. C. Clemen, *Die Himmelfahrt des Mose* [Kleine Texte 10], Bonn 1924, 8s). *A Assunção ou Testamento de Moisés*, escrito apócrifo do século II d. C., só se conservou parcialmente em latim e em algumas citações patrísticas gregas. Pre-

(20), mas simplesmente que êle não tinha nenhum direito ao trono da Judéa, uma vez que, desde o tempo dos Macabeus, trono e sacerdócio eram uma coisa só.

92. — O texto de José, referindo as palavras de Nicolau, em nada sugere que êste pretendesse dar a Herodes origem sacerdotal, a não ser que se queira absolutamente interpretar as 'principais famílias' de famílias sacerdotais. José, contudo, sacerdote que era, não teria deixado de assinalar mais explicitamente qualquer tendência de Nicolau neste sentido. Enfim, se Herodes de algum modo tivesse podido demonstrar sua descendência de família sacerdotal, sem dúvida teria assumido sem mais o sumo-sacerdócio, como haviam feito os Macabeus, com a ressalva, porém, de só o fazerem até surgir um profeta fiel (1 Mac. 14, 41), uma pessoa, por conseguinte, autorizada a pronunciar-se definitivamente sôbre a legitimidade do fato (cf. *ib.* 4, 46). No entanto, não conhecemos um exemplo sequer, para provar que Herodes tenha querido arrogar-se privilégios de sacerdote.

93. — Flávio José é peremptório, quando afirma a origem iduméia de Antípater pai e filho, bem como a do próprio Herodes (A. 14, 1, 3 § 8. 10, cf. 14, 15, 2 § 403; G. 1, 6, 2 § 123), sendo confirmado indiretamente por Ptolomeu de Ascalão (21). Como julgar, diante disto, as afirmações de alguns escritores eclesiásticos antigos, que põem a família de Herodes em relação com a cidade de Ascalão? São Justino Martir atribui aos judeus a opinião de que Herodes era natural daquela cidade, para afirmarem que o cetro de Judá, conforme Gen. 49, 8-12, havia-lhe sido tirado já antes da paixão de Jesus e sido entregue a um estrangeiro (22). Júlio Africano, por sua vez, diz-nos que o avô

tende ser uma profecia de Moisés antes de sua morte. — Em sua alocução às tropas romanas, Antígono diz que Herodes era plebeu, idumeu e semi-judeu, e que o reino deveria ser dado a um de sua própria família, pois todos eram sacerdotes (A. 14, 15, 2 § 403s). Conforme W. Otto 16 (que cita igualmente as passagens precedentes), deverá entender-se no mesmo sentido a notícia, aliás, duvidosa de Júlio Africano, de que Herodes mandou destruir todos os registros genealógicos judaicos (Eusébio, *Historia Ecclesiastica*, 1, 1, 7, 13 [PG 20, 97A-B]). O texto, todavia, só diz que o teria feito para êle mesmo parecer nobre, uma vez que ninguém já podia provar a própria descendência dos patriarcas, etc.

(20). — E' o que parece insinuar W. Otto 16.

(21). — Ver a nota 8 deste capítulo. As palavras de Ptolomeu são escassas. Tratando-se, contudo, de explicar a diferença entre judeus e idumeus numa vida de Herodes, só se explicam pelo fato de êle atribuir origem iduméia a Herodes, e de tentar explicar a origem dos idumeus, cf. M.-J. Lagrange 164.

(22). — *Dialogus cum Tryphone*, c. 52 3 (PG 7, 589C-592A). Ver também J. C. Th. de Otto, *Corpus Apologetarum Christianorum Saeculi Secundi*, vol. 2, ii, 3a. ed., Jena 1877; 176. Vê-se pelo contexto que São Justino fala de Herodes rei, não de seu avô (U. Holzmeister 24), nem de Antípater filho (H. St. J. Thackeray 7, 452). Nem ainda se trata da opinião de São

de Herodes também se chamava Herodes, e era funcionário do templo de Apolo em Ascalão. Seu filho Antípater teria sido roubado por bandidos idumeus, e, não tendo o pai com que resgatá-lo, teria sido educado entre eles (23). Júlio concorda, pois, com José quanto à origem iduméia de Herodes, atribuindo-lhe, todavia, origem humilde, e dando o nome do avô também como Herodes. Não se pode negar, que há certos indícios que favorecem a origem ascalonita da família de Herodes. Ascalão nunca pertenceu aos domínios de Herodes, e, no entanto, dotou-a de edifícios públicos, e construiu aí um palácio para si (G. 1, 21, 11 § 422; 2, 6, 3 § 98; A. 17, 11, 5). Encontram-se os nomes de Antípater e Herodes em Ascalão (24), e sabemos que Antípater mantinha relações de amizade com os habitantes da cidade (n. 86). Isto, contudo, pode explicar-se por motivos de boa política, uma vez que Ascalão servia de pôrto de escoamento para a Judéia (25). A conexão de seu avô com os cultos pagãos explicaria o gosto de Herodes em ornar de edifícios suntuosos as cidades gregas, e também sua atitude perante a cultura e os cultos gregos (26).

94. — Contudo, o relato de Júlio Africano respira tanta aversão por Herodes, que não podemos senão supor influências cristãs ou judaicas em sua origem. De fato, Júlio cita a seu favor os parentes de Jesus, o que deixaria supor uma fonte cristã (27). Pode perguntar-se, todavia, qual a diferença para os cristãos, se Herodes, o protótipo do rei malvado (cf. Mt. 2, 16), era idumeu ou ascalonita (28). Pelo contrário, se podemos dar crédito a São Justino, conforme o qual os judeus diziam Herodes natural de Ascalão, o que parece combinar com outros textos da literatura judaica (29), teríamos antes que procurar a ori-

-
- Justino (M.-J. Lagrange, *Évangile selon saint Luc*, Paris 1921, 8), mas da que êle atribui aos judeus do seu tempo (E. Schürer 1, 314³; M.-J. Lagrange, *Judaïsme* 166). Naturalmente pode supor-se que, se Herodes era natural de Ascalão, também o fôsem seu pai e seu avô.
- (23). — Júlio Africano, *Epistola ad Aristidem*, citado por Eusébio de Cesaréia, *Historia Ecclesiastica*, I, 1, c. 6, 2s e 7, 11 (PG 20, 83C. 96A-B). O mesmo repetem outros escritores cristãos, como Sulpício Severo, *Chronica ou Historia Sacra*, I, 2, c. 26s (PL 20, 144B-C; CSEL 1, 81s), S. Epifânio, *Adversus Haereses*, *Haeresis* 20, 1 (PG 41, 269C-272A), etc.; cf. E. Schürer 1, 314³.
- (24). — Um Antípater de Ascalão figura numa lage tumular em Atenas (*Corpus Inscriptionum Semiticarum* [ver n. 81], vol. 1, n. 115), um Herodes de Ascalão numa lápide funerária encontrada em Pozzuoli (*Corpus Inscriptionum Latinarum* [ver n. 81], vol. 10, n. 1746); cf. E. Schürer 1, 314³; M.-J. Lagrange 166.
- (25). — A. H. M. Jones 16.
- (26). — M.-J. Lagrange 166.
- (27). — E. Schürer 1, 314³. Cf. Eusébio, *ib.*, c. 7, 11. 14 (PG 20, 93C. 97A).
- (28). — M.-J. Lagrange 167.
- (29). — F.-M. Abel 1, 314⁴.

gem daquelas afirmações nos ambientes judaicos. Com efeito, um ascalonita ou filisteu era para os judeus pior ainda do que um idumeu. Os autores em geral aceitam as afirmações de José sôbre a origem iduméia de Herodes (30).

95. — Dos cinco filhos de Antípater (n. 88) só Herodes tem um nome grego como que a predestiná-lo para o gôsto pelas coisas helenísticas (31), e quase a definir, de antemão, suas relações com os pagãos e os judeus. **Herodes** é, sem dúvida, contração de Ἡρω — ἰδής = **descendente de heróis** (32). O nome é usado desde o século V a. C. Conhecemos um poeta de nome Herodes (século III); o orador Antifon (século V a. C.) deixou-nos um discurso sôbre o assassinio de um certo Herodes, e, no século II d. C., viveu o célebre Tibério Cláudio Atico Herodes, professor de Marco Aurélio (33). Em 60 a. C., um certo Herodes era arconte de Atenas, e outro Herodes foi mentor do filho de Cícero (34). Um Herodes, natural de Ascalão, morreu em Pozzuoli, e um irenarca de Esmirna, de nome Herodes, nos é conhecido do martírio de São Policarpo (35). Depois do rei Herodes, chamado o Grande, o nome se tornou, por assim dizer, hereditário em sua dinastia, e até o encontramos como nome de particulares na Judéia (36). Antes dêle, o nome não parece ter sido usado pelos judeus (37).

96. — Como ano do nascimento de Herodes, pode determinar-se com alguma segurança, conforme José, o ano de 681 ab

- (30). — E. Schürer 1, 314; W. Otto 16; U. Holzmeister 23s; A. H. M. Jones 16; H. Duesberg 97; J. Felten 1, 99^a. — M.-J. Lagrange 166s parece inclinado a admitir a proveniência ascalonita da família de Herodes.
- (31). — F.-M. Abel 1, 314.
- (32). — Cf. E. Schürer 1, 416²⁰; F. Blass — A. Debrunner, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, 8a. ed., Göttingen 1949, apêndice, p. 6; F.-M. Abel, *Grammaire du grec biblique*, Paris 1927, 5; U. Holzmeister 23. O nome deve normalmente levar o iota subscripto, omitido, todavia, nas inscrições e nas legendas das moedas. Sôbre outras grafias ou formas do nome ver E. Schürer et F.-M. Abel ib. Em Rom 16, 11 aparece um *Herodiôn*.
- (33). — E. Schürer ib.
- (34). — Ver A. B. Drachmann, *Diodors römische Annalen bis 302 A. Chr. samt dem Ineditum Vaticanum* (Kleine Texte 97), Bonn 1912, 4 (l. 1, 4) e Cícero, *Ad Atticum*, 1, 2, 2, 2; l. 14, 10, 3; l. 15, 16 A.
- (35). — *Corpus Inscriptionum Latinarum* (ver n. 81), vol. 10, n. 1746 (ver nota 24 dêste capítulo), e *Martyrium Polycarpi*, c. 6, 2; c. 8, 2; c. 17, 2 e c. 21 (F. X. Funk-K. Bihlmeyer, *Die apostolischen Väter*, 2a. ed., vol. 1, Tübingen 1956, 123. 124. 129. 131).
- (36). — Grande parte dos descendentes de Herodes têm êste nome: Herodes Arquelaú, Herodes Antipas, Herodes Agripa I e II, etc. Entre êles, encontra-se também uma *Herodiana* (cf. Mt. 14, 3, 6; Mc. 6, 17. 19. 22; Lc. 3, 19; G. 1, 28; 1 § 552, etc.). José menciona vários judeus de nome *Herodes* (V. 9 § 44. 18 § 96; Ap. 1, 9 § 51) e um *Herodes*, filho de Aunos, aparece numa inscrição da Traconítide (W. Otto, art. *Herodes*, n. 22; *PW*, Supplement, Heft 2, 166a).
- (37). — W. Otto 16.

U. c. — isto é. 73 a. C. Cêrca de seis meses antes de sua morte, que se deu pouco antes da Páscoa daquele ano (4. a. C.), começou a doença fatal de Herodes, o que nos leva ao outono de 5 a. C. = 749 ab U. c. Herodes tinha então c. de 70 anos (A. 17, 6, 1 § 148; G. 1, 33, 1 § 647), isto é, c. de 68-69 anos, o que nos leva a c. de 681 ab U. c. = 73 a. C. (38). Além disto, quando César, depois de sua libertação em Alexandria, passou pela Síria, confirmou a Hircano II no sumo-sacerdócio, e nomeou a Antípater procurador da Judéia em 47 a. C. (A. 14, 8, 3 § 137 e 5 § 143; G. 1, 9, 5 § 194 e 10, 3 § 199). Pouco depois Antípater (39) nomeou a seus filhos Fasael e Herodes governadores respectivamente da Judéia e da Galiléia. Conforme José, Herodes tinha então quinze anos de idade (A. 14, 9, 2 § 158; cf. G. 1, 10, 4 § 203). Isto nos leva a 62 a. C., isto é, a dez anos menos do que a data estabelecida acima. Como José, por outro lado, é peremptório em afirmar que Herodes morreu com cêrca de 70 anos de idade, os autores em geral corrigem quinze em vinte e cinco, idade que corresponde melhor ao cargo dado. Como todos os manuscritos lêem quinze, número igualmente referido já por Fócio (40), não se trata de um êrro de copista, mas de um engano que se infiltrou desde o comêço no texto de José (41). A emenda do texto recomenda-se ainda pelo fato de que Herodes na ocasião já era casado, e já tinha um filho, Antípater (G. 1, 22, 1 § 432) (42). Além disto, José afirma várias vêzes que Herodes c. de 12 a. C. já era um velho (G. 1, 23, 5 § 462; 1, 24, 7 § 490; 1, 32, 2 § 624; A. 16, 4, 6 § 134; 16 § 233; 17 § 94). Ora, mantendo o número quinze no texto, Herodes teria então apenas cêrca de 51 anos, o que não justifica o qualificativo de velho — γέρον —, e não teria completado os sessenta anos. Mudando quinze em vinte e cinco, chegamos a completar os anos de vida, que José dá a Herodes (43).

(38). — W. Otto 16; U. Holzmeister 24.

(39). — Não César, como diz U. Holzmeister 24.

(40). — *Bibliotheca*, Codex 238 (PG 103, 1184B).

(41). — W. Otto 16; E. Schürer 1, 383. 417; J. Felten 1, 106; U. Holzmeister 24; H. St. J. Thackeray 7, 533; R. H. Pfeiffer 25; G. Ricciotti 367; id., *Flavio Giuseppe* 2, 59. — O engano explica-se facilmente ao supormos que José escrevia os números por algarismos, e não por extenso. Seria fácil a troca entre κέ = 25, e ιέ = 15. Nota, contudo, G. Ricciotti, *Flavio Giuseppe* 2, 59, que na passagem da G. § 203 Herodes é chamado de *multo moço* — κομδῆ νεός —, o que mal combina com a idade de 25 anos. Apesar disto, a notícia da morte de Herodes com cêrca de 70 anos de idade recomenda a correção do texto de José.

(42). — U. Holzmeister 24.

(43). — W. Otto 16; U. Holzmeister 24.

97. — Com poucos anos de idade (c. 65-63 a. C.), Herodes foi entregue com seus irmãos aos cuidados de Aretas III, rei de Petra e amigo de Antípater (n. 88), enquanto êste combatia contra Aristóbulo II, para restituir o trono e o sumo-sacerdócio a Hircano II (A. 14, 17, 3 § 122; G. 1, 8, 9 § 181) (44). Em ocasião posterior e mais crítica ainda, ser-lhe-á negado tal refúgio pelo sucessor daquele rei (n. 136). Da juventude de Herodes refere José que foi educado com outros jovens na côrte de Jerusalém, que aí freqüentou escola, e que granjeou o favor especial de Hircano II (A. 14, 9, 4 § 170 e 9, 5 § 183; 15, 2, 3 § 18; G. 1, 10, 7 § 211) (45). Se não podemos supor que Herodes durante êstes anos tenha adquirido sólida cultura intelectual (46), é, contudo, lícito admitir que, nesta ocasião, se inteirasse dos rudimentos da língua grega e de outras disciplinas, que mais tarde tentará aperfeiçoar com a assistência de Nicolau de Damasco (47). Com efeito, não obstante a violenta reação anti-helenística dos Macabeus, era inevitável o avanço da cultura helenística na Judéia. Provam-no, para mencionar apenas alguns fatos menores, os nomes gregos usados pelos hasmoneus ao lado dos hebraicos, e as legendas bilingües de suas moedas (n. 152). Nestes primeiros anos da juventude de Herodes, situa-se o episódio, talvez lendário (48), de seu encontro com o essênio Menahem, que lhe teria profetizado a ascensão ao trono da Judéia, fato que explicaria porque Herodes sempre tratou os essênios com deferência (A. 15, 10, 5 § 372-378).

98. — Segundo José, a constituição física de Herodes correspondia a seus dons de espírito. Descreve-o como bom cavaleiro, bom caçador, bom lutador, bom no arremesso do dardo (G. 1, 21, 13 § 429s). Estava familiarizado com a arte da guerra desde a juventude, e poucas vêzes sofria revezes em qualquer empresa militar, e os revezes que sofria deviam-se antes à traição dos seus ou à imprudência de suas tropas (ib. § 430). Ainda aos sessenta anos de idade, vêmo-lo dirigir, em pessoa, uma campanha contra os árabes (A. 16, 9, 2) (49). E' razoável supor que Herodes enchesse os anos de sua juventude sobretudo com semelhantes exercícios corporais; exercícios que o en-

(44). — Aristóbulo II, com efeito, havia tirado ambos a Hircano; cf. E. Schürer 1, 314.

(45). — U. Holzmeister 24s.

(46). — Notam-no W. Otto 16; F.-M. Abel 1. 315.

(47). — *De Vita Sua*, Fragmento 4 (ed. C. Müller, *Fragmenta Historiæ Graecorum*, vol. 3, Paris 1883, 350s).

(48). — W. Otto 17.

(49). — Ver E. Schürer 1, 417.

rijavam para as múltiplas e duras vicissitudes de sua vida pública, a começar pelo cargo altamente responsável de comandante da Galiléia (n. 102).

99. — Convém desde o começo ter diante dos olhos os traços essenciais do caráter de Herodes. Era êle um homem apaixonado e duro, despido de quaisquer sentimentos ou de emoções delicadas, a não ser quando se tratava dos seus, e isto somente enquanto se dobravam aos seus desejos e executavam suas vontades. Em tôdas as lações que poderiam dar a impressão de generosas ou cordatas, depreende-se sempre um motivo qualquer, que redundava em última análise em proveito das intenções ocultas de Herodes. Com mão de ferro — e sem luvas de pelica — procurava adiantar os seus próprios interesses, e por êles não recuava diante da efusão de sangue, ainda das pessoas mais chegadas a si. Era ciumento a ponto de tocar as raiais da insânia, e o era em tudo, quer se tratasse de suas relações com a nobre e desafortunada Mariame, a digna filha dos hasmoneus, quer se tratasse de seu poder régio. Era astuto e extremamente hábil em adaptar-se às circunstâncias políticas internas e externas mais variadas. Se era duro e sem piedade para com os seus súditos e seus adversários, era servil e abjeto diante de seus superiores, sobretudo perante o senhor do mundo de então, que era também senhor seu.

100. — Perfeitamente cõscio de que o poder supremo e único de então, o mais constante e o mais seguro, era o império romano, soube manter invariavelmente e a todo o custo a aliança com Roma, o que não era fácil nos primórdios de seu reinado, quando o próprio império estava dividido pela guerra civil. Sempre soube mudar de partido no momento exato, ou, então, aplacar as partes interessadas, e tornar-se útil a elas. Sua astúcia e energia estavam a serviço de uma ambição extrema e insaciável, ambição que não o deixou até à morte. Todos os seus empreendimentos e esforços, seus planos e suas ações tinham em mira um único fim apenas: a expansão de seu poder, de seu domínio, de sua glória. Esta ambição mantinha tôdas as suas faculdades em atividade constante; dificuldades e obstáculos só serviam para incentivar os recursos de sua fibra inata. Flávio José, depois de mencionar a liberalidade e munificência de Herodes no próprio país e, sobretudo, no estrangeiro, e confrontando-as com sua crueldade para com os seus próprios súditos, em lugar de concluir desta diversidade para certa inconsistência no caráter do monarca, prefere reduzir ambos os aspectos à mesma causa: à ambição desmesurada. Sua

magnificiência ia à cata de glória e louvores no presente e no futuro; o esbanjamento obrigava-o a maltratar seus súditos (A. 16, 5, 1, 16, 9, 1-4 (90) (50).

101. — Por outro lado, amava Herodes com ardor sua pátria adotiva, que, afinal, era a razão de ser de sua glória e de seu poder. Apesar de opressor, não se descuidava do povo e de suas necessidades, e sua administração financeira foi excelente. Semi-judeu que era, tal certamente permaneceu por toda a vida, sobretudo no que respeita à religião judaica, que seus antepassados só haviam abraçado à força. Idumeu por nascimento, judeu por forma e conveniência, e romano por necessidade, foi, antes de tudo, pela cultura e pela própria preferência, um grego (51). E' preciso ter diante dos olhos todos êstes aspectos da personalidade de Herodes, não só para compreender a parte negativa e odiosa de seu govêrno, parte pela qual mais se celebrou, mas ainda para fazer jus a seu aspecto positivo, e para apreciar a grandeza inegável que atingiu sob muitos aspectos, considerando as lutas contra os seus inimigos internos e externos, em que andava quase constantemente envolvido, tendo ao mesmo tempo que manter-se a salvo no jôgo difícil da política romana da guerra civil, e acossado por todos os lados pelas dificuldades domésticas em que se envolvera por seu matrimônio com Mariame, e pelas intrigas femininas de sua côrte. Diante de uma vida tão agitada, que exigia o máximo de seu esforço e o contínuo desgaste de suas faculdades mentais e corporais, compreende-se perfeitamente que Herodes, apesar de sua constituição robusta, não completasse setenta anos de idade (52).

102. — II. **Primeiras atividades políticas de Herodes (47-40 a. C.).** — Apenas Júlio César, em 47 a. C., deixou a Síria, depois de ter nomeado Hircano II sumo-sacerdote e etnarca dos judeus, e Antípater, pai de Herodes, procurador, ou seja administrador das finanças do estado, cargo que praticamente correspondia as funções de um vizir, Antípater, vendo que Hircano II era fraco e indolente, nomeou seu filho mais velho, Fasael, governador — *στρατηγος* — de Jerusalém e seu distrito, e Herodes governador da Galiléia (A. 14, 9, 2 § 158; G. 1, 10, 5 § 203). Herodes, como vimos, tinha então provavelmente vinte e cinco anos de idade (n. 96). Pode supor-se que seu pai não o nomea-

(50). — Ver, ainda, a filípica dos judeus diante de Augusto depois da morte de Herodes em A. 17, 11, 2.

(51). — A. R. Kennedy, art. *Money* (ver n. 83) 426.

(52). — Ver, por ex., E. Schürer 1, 418s; M.-J. Lagrange 167s; G. Ricciotti 377s.

ria para um cargo de tamanha responsabilidade, se já não tivesse dado provas de seu valor (53). A Galiléia, com efeito, era um distrito irrequieto e difícil de governar, que daría muito que fazer a Herodes nos anos subseqüentes. Jerusalém, pelo contrário, contava com o fator, já de per si estabilizador, da presença do govêrno central.

103. — Herodes, ativo e ambicioso por natureza, em breve achou a ocasião propícia para dar provas de sua energia e valor. Sabendo que o cabecilha Ezequias e seu bando infestavam as fronteiras próximas da província da Síria, atacou-o, prendeu-o e sumàriamente o executou com muitos de seus companheiros. Êste fato lhe granjeou enorme fama e a gratidão das cidades e vilas da Síria, beneficiadas por sua ação de limpeza. Sobre-tudo, porém, chamou a atenção de Sexto César, parente de Júlio César e governador da Síria (47-46 a. C.; A. 14, 9, 2 § 159s; G. 1, 10, 5 § 204s) (54), fato que devia ser-lhe útil no futuro próximo. Note-se, desde já, que nada ouvimos sôbre a reação dos habitantes da Galiléia (55). Fasael, por seu lado, procurou emular a fama do irmão por meio de um govêrno justo e tolerante na parte do território judaico que lhe cabia, conseguindo desta forma granjear as simpatias do povo. Isto fêz com que sempre mais crescesse o prestígio de Antípater junto do povo, que o respeitava como a um rei e um senhor absoluto, o que não impedia, no dizer de José, que sua atitude de afeto e lealdade para com Hircano II continuasse inalterada (A. 14, 9, 2 § 161s; G. 1, 10, 5 § 206s).

104. — Inteiramente diversa foi a atitude dos judeus de Jerusalém, desconfiados, com razão, de Antípater e de seus filhos, sobretudo porque Antípater soubera conquistar as simpatias dos generais romanos por meio de dinheiro (56). As insinuações dêstes judeus, a que se juntavam os rogos das mães dos sentenciados por Herodes, que se lamentavam no templo diante de Hircano e do povo (A. 14, 9, 4 § 168), fizeram com que Hircano cedesse à pressão, e chamasse Herodes para Jerusalém, a fim de justificar-se perante o sínédrio, a suprema

(53). — W. Otto 17.

(54). — Também em Cássio Diôn, *Historia Romana* 47, 26, 3 Sexto é chamado parente de Júlio César; no *Bellum Alexandrinum* 66 *amicus et necessarius* sabemos que foi primo-segundo de César.

(55). — W. Otto 17.

(56). — Na passagem paralela de G. 1, 10, 6 § 208s não há referência aos generais romanos. *Autokrátōres* também pode significar embaixadores plenipotenciários, etc., mas mesmo assim não sabemos a que pessoas se refere o plural.

assembléa legislativa e judiciária do país (57). A acusação baseava-se no fato de Herodes ter mandado executar cidadãos sem ordens escritas ou orais de Hircano, e sem o devido julgamento (G. 1, 10, 6 § 209), isto é, pessoas que não haviam sido condenadas pelo sinédrio, como mandava a lei (A. 14, 9, 3 § 167).

105. — O temor diante das aspirações dinásticas de Antípater e seus filhos (A. 14, 9, 3 § 165s; G. 1, 10, 5, § 207 e 6 § 209), sugere automaticamente que os judeus, seus inimigos em Jerusalém, fôsem os saduceus, partidários que foram de Aristóbulo II, destronado por Pompeu (n. 15), e que os bandidos de Ezequias, sentenciados por Herodes, fôsem do mesmo partido (58). Não se tratava, pois, de salteadores comuns, mas dos restos dos judeus revoltosos, que se haviam unido a Aristóbulo II e a seus filhos, nos diversos levantes por êles promovidos contra os regentes de então, e seus protetores, os romanos (n. 15). Êstes restos ainda se achavam entrincheirados em qualquer reduto da Galiléia. De modo semelhante, veremos mais tarde, o filho dêste mesmo Ezequias, de nome Judas, à testa de um bando, que age contra os herodianos e os romanos (G. 2, 4, 1 § 56; A. 17, 10, 5 § 271s). Entende-se, por conseguinte, a intervenção dos saduceus, solidários com Ezequias e os seus na aversão contra Roma e os regentes judaicos da época, e, sobretudo, contra Antípater e seus filhos. Contudo, o novo Macabeu da Galiléia havia encontrado seu Antíoco IV na pessoa de Herodes (59).

106. — Considerados os fatos sob êste ângulo nacionalista, explica-se facilmente o entusiasmo de Sexto César e dos provincianos da Síria pela ação de Herodes, e o silêncio dos galileus, simpatizantes com Aristóbulo II e os seus (cf. A. 14, 6, 3 § 102; G. 1, 8, 7 § 177). Parece, contudo, que não se tratava apenas de galileus nos bandos de Ezequias. Vimos que as mães dos sentenciados por Herodes pediam a Hircano e ao povo, no templo, que Herodes fôsse trazido a Jerusalém perante o sinédrio (n. 104). Ora, é mais fácil supor que se tratasse das mães dos nacionalistas da Judéia e da capital, que não haviam podido voltar à pátria enquanto estavam no poder os regentes de então, do que das mães de galileus, vindas expressamente da

(57). — Notam os autores duas versões sôbre a atitude de Hircano, das quais a de G. 1, 10, 6 § 208s (sobretudo comparada com ib. § 211 e A. 14, 9, 5 § 177) é menos favorável a Herodes; W. Otto 17; H. St. J. Thackeray 7, 535.

(58). — W. Otto 17; U. Holzmeister 25; H. Duesberg 101; G. Ricciotti 368.

(59). — G. Ricciotti 368.

Galiléia para aquêlé fim. Isto não só confirmaria o fato de não se tratar de simples salteadores, mas de revoltosos nacionalistas, e ainda daria um idéia sôbre o âmbito verdadeiramente nacional, que haviam assumido aquêles movimentos.

107. — Herodes, no entanto, cheio de confiança em sua conduta anterior, seguindo ainda os conselhos de seu pai (G. 1, 10, 7 § 210), e deixando a Galiléia organizada do modo mais proveitoso aos seus interêsses, isto é, colocando guarnições em tôda ela (ib.; A. 14, 9, 4 § 169), subiu a Jerusalém. Antípater ainda o havia aconselhado a que levasse consigo uma guarda de corpo, suficiente para acompanhá-lo e protegê-lo na jornada, sem que, todavia, fôsse tão considerável, que pudesse amedrontar a Hircano, como se quisesse depô-lo (A. 14, 9, 4 § 169; G. 1, 10, 7 § 210s). Sexto César, por sua vez, achou oportuno intervir nesta altura, a pedido, quiçá, do próprio Herodes (60), ou simplesmente movido pelo interêsse que tinha em conservar um instrumento útil à causa romana. Enviou uma carta a Hircano com ordem expressa de absolver a Herodes (G. 1, 10, 7 § 211), acrescentando ameaças para o caso de desobediência (A. 14, 9, 4 § 170). Uma vez que Júlio César havia dado à Judéia certa independência dentro da ordem romana (n. 19), discute-se com que autoridade Sexto César interferia no caso de Herodes (61). Supõe-se que êle excedia sua autoridade e simplesmente agia com o direito do mais forte e no interêsse da causa romana, ou, então, que lhe competia certo contrôle nos negócios da Judéia (62).

108. — Em todo o caso, a injunção de Sexto César veio de enção aos desejos do próprio Hircano, que, no dizer de José, amava a Herodes como a um filho (A. 14, 9, 4 § 170; G. 1, 10, 7 § 211), se bem que se deixasse finalmente persuadir a chamá-lo para prestar contas de sua conduta (A. 14, 9, 3 § 165-168; G. 1, 10, 7 § 210). Neste ponto, as narrações paralelas de José tornam-se confusas. Na **Guerra** conta-nos que Hircano simplesmente absolveu — *ἀποψηφίζεται* — a Herodes, em consequência tanto da carta de Sexto César, quanto dos próprios desejos (G. 1, 10, 7 § 211). Herodes, imaginando que sua fuga fôra contrária aos desejos de Hircano, refugia-se em Damasco junto de Sexto César, e prepara-se para resistir a nova intimação. Sexto nomeia-o governador da Celessíria e da Samaria. Quando Herodes, des-

(60). — A. H. M. Jones 30.

(61). — A Judéia havia sido reduzida à condição de *civitas stipendiaria* por Pompeu e Gabínio. Ver a literatura sôbre a condição jurídica da Judéia sob os romanos de 63-37 a. C. em H. St. J. Thackeray 7, 780s.

(62). — Ver F.-M. Abel, *Géographie* 2, 148.

peitado pelo fato de ter sido intimado a comparecer perante o sinédrio, se prepara para invadir a Judéia e depor a Hircano. é dissuadido por seu pai e seu irmão, que lhe lembram os favores passados concedidos por Hircano e sua absolvição recente. Contenta-se, pois, com a demonstração de fôrça que iniciara (G. 1, 10, 8, § 212-9 § 215).

109. — O contexto sugere que Herodes queria prevenir um segundo processo perante o sinédrio, o que só se explica se ignorava o fato de ter sido plenamente absolvido por Hircano (ib. § 212). De fato, porém, não se vê pelo texto se houve um segundo processo, nem ainda aparece o motivo porque deveria havê-lo, uma vez que um réu absolvido de um crime determinado, não mais podia, de acôrdo com a praxe judaica, ser condenado pelo mesmo delito (63). Por outro lado, é preciso conceder que Hircano, como etnarca — ou rei, conforme costuma dizer José (G. ib. § 212; A. 14, 9, 4 § 172. 5 § 178 etc.) —, não podia julgar, assim como não podia ser julgado (64). Como sumo-sacerdote, contudo, cabia-lhe a presidência do sinédrio (65). Como tal, porém, não podia absolver por si só, porque a absolvição ou a condenação dos réus competia ao sinédrio por maioria absoluta de votos (66). Se admitirmos, por conseguinte, a absolvição de Herodes por parte de Hircano, esta só podia ter caráter particular, e é fora de dúvida que, aos olhos do sinédrio, era inválida. Diante disto, Herodes não devia temer um novo processo, mas, sim, a intimação para comparecer novamente perante o sinédrio, para a conclusão do primeiro processo, que não havia terminado. Aos olhos do sinédrio, Herodes havia-se ausentado indevidamente de Jerusalém, antes de terminado o processo instaurado contra êle.

110. — Nas **Antigüidades** igualmente se diz que a carta de Sexto César deu a Hircano o pretexto para soltar ou absolver — ἀπολύσαι — a Herodes, sem nada sofrer por parte do sinédrio (A. 14, 9, 4 § 170). Segue-se uma descrição pitoresca da sessão dêste último. Herodes apresenta-se rodeado de seus soldados, vestido de púrpura, e com os cabelos bem arranjados, em lugar de apresentar-se, conforme o costume, em atitude humilde e trajando vestes escuras. Os membros do sinédrio são tomados de

(63). — M. Sanhedrin 4, 1.

(64). — *Ib.* 2, 2.

(65). — E. Schürer 3, 166. 203; U. Holzmeister 191; H. L. Strack-P. Billerbeck 4, i, 342, etc.

(66). — M. Sanhedrin 4, 1.

pavor à exceção do fariseu Samaias (67), que abertamente denuncia a Herodes em particular, e o estado geral das coisas, que permitiam tal abuso (ib. § 171-176). Vendo Hircano que os membros do sinédrio, evidentemente em consequência das invectivas de Samaias, estavam decididos a condenar Herodes à morte, adiou a sessão, e secretamente aconselhou a êste que fugisse, e, assim, se esquivasse ao perigo. Foi o que Herodes fêz (ib. 5 § 177). Segue a narração, substancialmente idêntica à da **Guerra**, de sua fuga a Damasco, sua determinação de não obedecer a nova intimação, sua nomeação para governador da Celessíria, o propósito de invadir a Judéa, e os esforços de Antípater e Fasael para dissuadí-lo (ib. 5 § 178-184). Omite-se a nomeação de Herodes para governador da Samaria, e acrescenta-se que obteve o cargo de governador da Celessíria por dinheiro (ib. § 180). Na **Guerra** afirma-se que os maus — *πονηροί* — na cõrte de Hircano, continuavam suas intrigas contra Herodes (1, 10, 8 § 212); nas **Antigüidades**, porém, que os membros do sinédrio estavam indignados com a conduta dêle (14, 9, 5 § 179).

111. — Em uma passagem das **Antigüidades**, por conseguinte, afirma-se que Hircano soltou ou absolveu a Herodes (ib. 4 § 170); em outra, que adiou o processo e aconselhou-o a fugir (ib. § 177); em outra, ainda, que Antípater e Fasael lembraram a Herodes sua absolvição (ib. § 182). Não aparece claramente se Herodes, de fato, foi julgado perante o sinédrio e aconselhado a fugir, ou se foi sôlto sem julgamento (68). Além destas contradições, deveria a história do processo e da atuação de Samaias (ib. 4 § 171-176) preceder logicamente a menção da absolvição de Herodes (ib. § 170). Assim, alguns autores rejeitam esta história, que não tem passagem paralela na **Guerra**, como interpolação posterior de proveniência farisaica, e preferem, como mais verossímil, aquela narração das **Antigüidades**, em que Hircano aconselha Herodes a fugir (ib. 5 § 177) (69). Neste caso, com efeito, explica-se o temor de

(67). — O nome em A. 14, 9, 4 § 172 aparece debaixo de formas diversas: Samaias, Sameas, Samaios, em latim Sameus. Menciona-se também A. 15, 1, 1 § 4 como discípulo do fariseu Polión, e identifica-se ou com Shemaiah (E. Schürer 1, 384; H. L. Strack-P. Billerbeck 4, i, 342, etc.) ou com o famoso Shamai (ver n. 64) (G. Ricciotti 368, etc.), que aparecem ambos na Mishnah.

(68). — H. St. J. Thackeray 7, 540s.

(69). — W. Otto 18; H. St. J. Thackeray, ib. O primeiro ainda chama a atenção para a variedade na ortografia do nome de Samaias, ver nota 67. — Outros autores aceitam a narração da sessão do sinédrio e a fuga de Herodes a conselho de Hircano, sem discutir as diversas contradições dos textos paralelos de José: G. Ricciotti 368s; F.-M. Abel 1, 315; A. H. M. Jones 30s;

Herodes, de que o processo pudesse retomar-se, uma vez que não havia sido oficialmente encerrado (G. 1, 10, 8 § 212). Explica-se a indignação dos membros do sinédrio, dispostos a continuar em sua ação (A. 14, 9, 5 § 179). Note-se que também na **Guerra**, logo após a menção da absolvição de Herodes por parte de Hircano, fala-se em sua fuga, e no fato de êle ignorar se a mesma estava de acôrdo com os desejos de Hircano (G. 1, 10, 7 § 211-8 § 212). Neste caso, igualmente se torna bastante verossímil o fato de Herodes ter oferecido dinheiro a Sexto César para nomeá-lo procurador da Celessíria (e da Samaria), porque a circunstância de êle entrar nos serviços de Roma como funcionário provincial, dava-lhe certa imunidade, e o punha a salvo das perseguições do sinédrio (69a). Contudo, talvez se possa admitir um fundo histórico na narração sôbre a atuação de Samaías, uma vez que José mais uma vez se refere a ela em outra passagem (A. 15, 1, 1 § 4). Parece que também na literatura rabínica se conservou um eco da cena, onde, todavia, os nomes estão mudados (69b).

112. — Em todo o caso, Herodes, baseado no exército angariado para a invasão da Judéia (A. 14, 9, 5 § 180; G. 1, 10, 9 § 204), e forte pelo apôio moral de Roma, forçou a volta à pátria, e retomou o govêrno da Galiléia. O fato mostra a fraqueza dos adversários, que haviam perdido, por assim dizer, o primeiro encôntro de armas com Herodes (70). E' pouco provável que êste tenha obtido o govêrno de tôda a Celessíria (n. 108), conceito geográfico, aliás, bastante vago, sobretudo em José (71). Como se verá mais adiante, tratava-se provavelmente de uma parte da Decápole, e sua posição de στρατηγός, assemelhar-se-ia à dos representantes do poder régio nas diversas cidades nos tempos dos Ptolomeus e dos Selêucidas (72). A Samaria estendia-se aproximadamente da planície de Esdrelón, ao norte, até uma linha pouco acima da hodierna Tel-Aviv em direção ao Jordão, ao sul, com exceção da fossa jordânica e da faixa litorânea do Mediterrâneo. Havia sido separada do domínio dos hasmoneus por Pompeu e anexada, com outras cidades autônomas, à província da Síria, formando, des-

H. Duesberg 101; E. Schürer I, 384; J. Felten 1, 107; H. L. Strack-P. Billerbeck 4, i, 342. — U. Holzmeister 25 deixa a questão em suspenso, dizendo que Hircano salvou a Herodes por ordem de Sexto César.

(69a). — Sugere-se esta interpretação em G. 1, 10, 8 § 213, onde se diz que Herodes se havia tornado duplamente temível, por sua popularidade e seu poder.

(69b). — Ver em E. Schürer I, 384st.

(70). — W. Otto 18.

(71). — *Ib.* 17.

(72). — *Ib.* 59.

tarte, um território que separava a Judéia da Galiléia (73). Sexto César tinha, por conseguinte, plenos poderes para conceder certas atribuições a Herodes na Samaria, atribuições cujo carácter exato escapa ao nosso conhecimento. Vemos, contudo, Herodes agindo, pouco depois, na repressão de distúrbios na Samaria (G. 1, 11, 6 § 229; A. 14, 11, 4 § 284) (74). Parece que Herodes, com sua fuga para junto de Sexto César entrou pela primeira vez em contacto pessoal com as autoridades romanas. Nunca mais deixará de cultivar a amizade com os senhores de Roma, de qualquer partido que fôsem (75).

113. — Os acontecimentos narrados deram-se em 47 a. C., ou no comêço de 46 (76). O pai de Herodes fizera bem em desaconselhá-lo de uma rebelião aberta contra os poderes constituídos na Judéia (n.s 108, 110), que não podia deixar de chamar sôbre êle as represálias das autoridades romanas a seu tempo, qualquer que fôsse a atitude do governador do momento (77). As coisas, com efeito, mudaram radicalmente pouco tempo depois. Enquanto Júlio César, em 46 a. C., combatia os pompeanos na África, um general do mesmo partido, Quinto Cecílio Basso, amotinou as tropas da Síria, assassinou a Sexto César, e apoderou-se do comando da Síria. Os generais do partido de César, por sua vez, atacaram-no e o obrigaram a retirar-se para Apaméia no Orontes. Aí ficou sitiado pelos partidários de César sob o comando de Caio Antístio Vetus no outono de 45 (78). Entre estas tropas encontrava-se um contingente enviado por Antípater, juntamente com seus filhos, que só podem ser Herodes e Fasael (A. 14, 11, 1 § 269; G. 1, 10, 10, § 217). Prolongando-se a guerra, mandou Júlio César em começos de 44, a Lúcio Estaio Murco à Síria para substituir a Antístio Vetus no comando das tropas e a Sexto César no govêrno da Síria (79). Apesar do apôio de Quinto Márcio Crispo, governador da Bitínia, Murco não obteve vantagem decisiva contra Cecílio Basso (80).

114. — Em 15 de março de 44, Júlio César é assassinado. Ainda no mesmo ano, Caio Cássio Longino chega à Síria. Consegue que Antístio Vetus e Estaio Murco passem com suas tro-

(73). — F.-M. Abel 1, 261. 263; id., *Géographie* 2, 146. 153s, etc.

(74). — Ver W. Otto 18.

(75). — *Ib.* 19.

(76). — E. Schürer 1, 384; W. Otto 19.

(77). — A. H. M. Jones 31.

(78). — A. 14, 11, 1 § 268; G. 1, 10, 10 § 216; E. Schürer 1, 385; B. Niese-E. Hohl 254, com a indicação das fontes greco-romanas.

(79). — A. 14, 11, 1 § 270, combinado com G. 1, 10, 10 § 217.

(80). — E. Schürer 1, 385; B. Niese-E. Hohl 262.

pas para o seu lado. O mesmo faz Cecílio Basso com os seus (81), e o mesmo terão feito sem hesitar as tropas judaicas, pronto como estava Herodes a colocar-se sempre do lado do romano vencedor (n. 112). Lemos, com efeito, que, apenas Cássio marchou para a Judéia, seus habitantes se lhe uniram (82). Rati-ficava-se, assim, a mudança de lado. A manutenção, contudo, do exército de Cássio sempre crescente exigia somas enormes. Em consequência, impuseram-se pesadas contribuições de guerra (83). Só a Judéia teve que pagar 700 talentos de prata (A. ib. § 272s; G. ib. § 219s). Herodes foi o primeiro a juntar a quota de 100 talentos, que lhe tocara para a Galiléia, ganhando dêste modo as boas graças de Cássio. Os retardatários foram vendidos como escravos, e, assim, também os habitantes das cidades de Gofna, Emaús, Lida e Tamna (A. 14, 11, 2 § 274-276; G. 1, 11, 2 § 221s) (84). Êste fato plenamente justifica o zêlo com que Herodes e seu pai haviam procurado servir a Cássio (85). Como fizera Sexto César, também Cássio nomeou Herodes **strategós** da Celessíria, com tropas e cavalaria à sua disposição, e ainda com a promessa de fazê-lo rei, apenas terminada sua campanha contra Marco Antônio e Otaviano (86). Com esta observação, José está antecipando fatos posteriores, pois em princípios de 43 tratava-se apenas de marchar contra Dolabela, que tentava tomar a Ásia e a Síria em nome de Marco Antônio (87). A vitória de Cássio sôbre Dolabela será mencionada mais tarde (A. 14, 11, 6 § 289; G. 1, 11, 7 § 231).

115. — Neste meio tempo, surgira um rival de Antípater e seus filhos na pessoa de um certo Málico, nobre judeu, que já anteriormente havia defendido a causa de Hircano II na campanha de Gabínio contra Alexandre, filho de Aristóbulo II (A.

(81). — Em março de 43; A. 14, 11, 2 § 271s; G. 1, 11, 1 § 218s; E. Schürer 1, 337s. 385s; B. Niese-E. Hohl 262.

(82). — Cássio Diôn, *Historia Romana* 47, 28, 3.

(83). — B. Niese-E. Hohl 263.

(84). — As quatro cidades eram toparquias do posterior reino de Herodes ao norte e noroeste de Jerusalém. O fato de já existirem como tais em tempos de Cássio mostra que se havia abandonado a divisão da Judéia e da Galiléia em cinco sinédrios, instituída por Gabínio para enfraquecer a unidade política do povo; F.-M. Abel 1, 292; id., *Geographie* 2, 147s. 152s e mapa IX.

(85). — E. Schürer 1, 368; F.-M. Abel 1, 320.

(86). — G. 1, 11, 4 § 225; A. 14, 11, 4 § 280. Nesta última passagem acrescenta-se que também navios foram dados a Herodes, o que combinaria com a primeira passagem, de que Herodes fôra nomeado prefeito de tôda a Síria. Esta notícia, já de per si pouco provável, exclui-se pelo fato de Cássio, conforme Apiano, *De Bello Civili* 4, 8, 63, ter deixado um sobrinho seu na Síria; W. Otto 19; U. Holzmeister 25¹¹; H. St. J. Thackeray 2, 105 e 7, 599.

(87). — E. Schürer 1, 337s; B. Niese-E. Hohl 257s; W. Otto 19; H. St. J. Thackeray 7, 597.

14, 5, 1 § 84), e agora procurava suplantar a Antípater e os seus. Havia sido um dos coletores retardatários da contribuição de guerra, e só salvou a vida pela intervenção de Hircano e de Antípater, que pagaram a Cássio a soma de 100 talentos (A. 14, 9, 2 § 276; G. 1, 11, 2 § 220-222). Esta generosidade não impediu a Málico de conspirar contra Antípater, o qual novamente lhe salvou a vida, intercedendo junto de Estaio Murco, governador da Síria (44 a. C.), que queria mandar matá-lo por rebelde (A. 14, 11, 3 § 277-279; G. 1, 11, 3 § 223s). Pouco depois, em 43 a. C., Málico conseguiu envenenar a Antípater com o auxílio de um dos copeiros de Hircano (A. ib. § 281; G. ib. § 226). Parece que o ato contava com a simpatia por parte das tropas, e do povo, e talvez do próprio Hircano (G. 1, 11, 5 § 227; A. 14, 11, 4 § 281) (88). Nesta ocasião ouvimos que Herodes estava encarregado da φυλακῇ τῶν ὀπλων, o que praticamente corresponderia ao cargo de ministro da guerra (89), enquanto Fasael continuava no comando de Jerusalém (A. 14, 11, 3 § 278; G. 1, 11, 3 § 224). Herodes quisera marchar imediatamente com suas tropas para Jerusalém, para vingar a morte do pai, mas Fasael conseguiu que contemporizasse, a fim de não excitar a desconfiança dos romanos. Disfarçando suas intenções, e aparentemente aceitando os protestos de inocência de Málico (A. 14, 11, 4 § 283-5 § 287; G. 1, 11, 5 § 288-6 § 230), Herodes informa a Cássio que o autoriza a vingar-se de Málico, e dá ordens à guarnição de Tiro para ajudá-lo na execução da justiça (A. ib. § 288. 293; G. ib. § 230 e 8 § 235).

116. — A ocasião apresentou-se quando Cássio tomou Laodicéia da Síria, até então em poder de Dolabela (90). Embaixadas de tôdas as partes para lá se dirigiram com presentes e contribuições em dinheiro, incluindo a Hircano, Herodes e Málico. Foi na volta para a Judéia, ao que parece (91), que Herodes executou sua vingança, e os tribunos de Tiro prontamente apunhalaram a Málico (A. 14, 11, 6 § 289-293; G. 1, 11, 7 § 231-8 § 235). Assim terminaram as aspirações dinásticas de Málico, que tencionava, conforme José, depor a Hircano e apoderar-se do trono da Judéia, apenas Cássio encetasse sua campanha contra Marco Antônio (A. ib. § 290; G. ib. § 232). Não acabaram, con-

(88). — W. Otto 20.

(89). — W. Otto ib.

(90). — B. Niese-E. Hohl 262; E. Schürer 1, 338.

(91). — A. H. M. Jones 35. — Málico tinha um filho como refém em Tiro. Desconfiando do que o esperava, tencionava apoderar-se do filho, e escapar para a Judéia (A. 14, 11, 6 § 290; G. 1, 11, 7 § 231). Isto poderia ter-se dado tanto na ida, quanto na volta, porque os textos de José nada oferecem de seguro a respeito.

tudo, as dificuldades para os irmãos herodianos. Apenas Cássio deixou a Síria, vários levantes se deram na Judéia. Fasaêi teve que lutar contra um certo Helix, comandante das tropas deixadas em Jerusalém por Hircano, conforme uns (92), Felix, comandante da guarnição romana em Jerusalém, conforme outros (93). Ao mesmo tempo o irmão de Málico conseguira apoderar-se de várias fortalezas da Judéia, inclusive da mais forte de tôdas, Masada, com a conivência de Hircano. Herodes, na ocasião, encontrava-se, por motivos desconhecidos, em Damasco, junto do general Fábio (94), e, além disto, detinha-o uma doença. Apenas restabelecido, acudiu ao local das refregas e retomou as ditas fortalezas, ajudando, destarte, a seu irmão no restabelecimento da ascendência de sua família (A. 14, 11, 7 § 294-296; G. 1, 12, 1 § 236s).

117. — As dificuldades internas vieram juntar-se as externas. Entra novamente em cena Antígono, último filho de Aristóbulo II, tentando apoderar-se, por sua vez, do trono da Judéia com o auxílio de estranhos. Depois de sua fuga de Roma juntamente com seu pai e o frustrado levante dêste, fôra novamente remetido à Itália, juntamente com êle e seu irmão Alexandre, que escapara durante a viagem a Roma, e igualmente tentara provocar uma revolta (n. 15). Os dois irmãos foram soltos pelo Senado, conforme prometera Gabínio à mãe de ambos, que havia mandado entregar as praças fortes ocupadas pelas tropas de seu marido. Os irmãos voltaram à Judéia (A. 14, 6, 1 § 97; G. 1, 8, 6 § 174 e 8, 5 § 168), onde Alexandre se empenhou em um segundo levante, debelado, como o primeiro, por Gabínio (A. 14, 6, 2 § 100 — 3 § 103; G. 1, 8, 7 § 176s) (95). Júlio César, ao apoderar-se de Roma, lembrou-se de soltar a Aristóbulo II, para enviá-lo, com duas legiões, à Síria, a fim de ganhar para o seu partido esta província e a Judéia. Antes de partir (96), Aristóbulo foi envenenado pelos

(92). — Th. Reinach, citado por H. St. J. Thackeray 7, 605. — Em A. 14, 11, 7 § 294s; G. 1, 12, 1 § 236 lê-se várias vêzes *Helix* sem variantes.

(93). — A. H. M. Jones 36. — *Felix* lê-se na tradução latina das *Antiquidades*.

(94). — O sobrinho de Cássio, deixado na Síria (ver nota 86), talvez seja idéntico ao sobrinho Lúcio Cássio que caiu na batalha de Filipos (Apiano, *De Bello Civili* 4, 17, 135; E. Schürer 1, 338¹⁰; H. St. J. Thackeray 7, 605), e não êste Fábio (F.-M. Abel 1, 323). Neste caso Fábio, que aparece mais uma vez A. 14, 12, 1 § 297; G. 1, 12, 2 § 239, teria sucedido a Lúcio Cássio no governo da Síria, talvez em princípios de 42 a. C.

(95). — Com os irmãos voltaram também suas duas irmãs, que igualmente haviam sido levadas a Roma (G. 1, 7, 7, § 158; A. 14, 4, 5 § 79). O Senado ordenou a soltura dos filhos de Aristóbulo — *tékna*, filhos e filhas — (G. 1, 8, 6 § 174; A. 14, 6, 1 § 97; cf. G. 1, 8, 5 § 168). Veremos logo a seguir Antígono com sua mãe e suas irmãs em Ascalão.

(96). — E. Schürer 1, 376; F.-M. Abel 1, 304; J. Felten 1, 103; H. Duesberg 99. A notícia é confirmada por Cássio Diôn, *Historia Romana* 41, 118, 1; — Em

partidários de Pompeu, e seu filho Alexandre, por ordem do mesmo Pompeu, desejoso por terminar de uma vez com o perigo que significavam os hasmoneus, foi mandado decapitar em Antioquia, onde provavelmente estava prêso desde o último levante, por Quinto Cecílio Metelo Cipião, sôgro de Pompeu e governador da Síria (A. 14, 7, 4 § 123-125; G. 1, 9, 1 § 183 — 2 § 185).

118. — Por sua vez, Ptolomeu, filho de Meneu, rei de Calcis na Celessíria pròpriamente dita, ofereceu refúgio a Antígono e suas duas irmãs, mandando buscá-los por seu filho Filipión em Ascalão, onde viviam com sua mãe, longe das garças de Antípater (97). Filipión enamorou-se de uma das irmãs, Alexandra, casando-se com ela. Pouco depois é morto por seu pai, que se casa, por sua vez, com a mesma Alexandra. Êste casamento fêz com que Ptolomeu se tornasse tutor ainda mais zeloso do irmão e da irmã de sua mulher (A. 14, 7, 4 § 126; G. 1, 9, 2 § 185s). O próprio Ptolomeu é tachado por José de homem mau, odiado por seu povo, e cujo território fôra devastado por Pompeu, que o deixou escapar contra o pagamento de 1.000 talentos (A. 13, 15, 2 § 392; 14, 3, 2 § 39; G. 1, 4, 8 § 103). Contra êle já Alexandra Salomé enviara, sem sucesso, seu filho Aristóbulo II, o qual, se fôra vivo, seria agora sôgro de Ptolomeu, como pouco antes o fôra de seu filho Filipión (A. 13, 16, 3 § 418; G. 1, 5, 3 § 115). Assim como agora Ptolomeu se arvorava em defensor dos interesses dos últimos hasmoneus, do mesmo modo mais tarde, por ironia do destino, vários descendentes de Herodes ocuparão o trono de Calcis.

119. — Antígono, pois, refugiado em Calcis, tentará a sua sorte durante a passagem de Julio César pela Síria, de volta do Egito, em 47. Apresentando-se a êle, lembra-lhe que seu pai e seu irmão afinal tinham sido vítimas da causa do próprio César (n. 117), e acusa a Hircano e a Antípater de usurpação e violência. E' preciso ter presente que Hircano e Antípater acabavam de prestar serviços relevantíssimos a César na campanha do Egito, e que êste acabava de recompensá-los largamente (n. 18s). Por conseguinte, não é difícil de imagi-

G. 1, 9, 1 § 183 diz-se que César enviou Aristóbulo a tôda pressa à Síria; em A. 14, 7, 4 § 123 que o soltou e resolvera enviá-lo à Síria. Isto supõe que os partidários de Pompeu residentes em Roma se incumbiram de impedir a partida de Aristóbulo. Se tivesse chegado à Síria, deveríamos ouvir algo a respeito do destino das duas legiões a êle confiadas. — A. H. M. Jones 27, não se sabe com que fundamento, afirma que Aristóbulo foi envenenado on his way through Asia Minor.

(97). — F.-M. Abel 1, 304. Ascalão sempre continuou cidade autónoma, id., Géographie 2, 252s.

nar que a defesa de Antípater assegurou para si e para Hircano a preferência de César (A. 14, 8, 4 § 140 — 5 § 143; G. 1, 10, 1 § 195 — 3 § 199). A Antígono não restava senão retirar-se novamente para junto de seu cunhado, e lamentar o fato de ter dado, por sua interferência inoportuna, ganho de causa a seus adversários, que já haviam sido instrumentos nas mãos dos romanos na supressão das tentativas de Aristóbulo II e seu filho Alexandre.

120. — A partida, contudo, de Cássio Longino da Síria em 43, deixou esta província em situação bastante anárquica (98), e vimos os primeiros reflexos dela na Judéia (n. 116). Foi, portanto, o momento em que Antígono julgou chegada a sua hora. O general romano Fábio (n. 116) foi subornado a fim de ajudá-lo a ganhar o govêrno da Judéia; Ptolomeu de Calcis, agora cunhado de Antígono, tomou a si as despesas da campanha; Marión, déspota de Tiro, invadiu as fronteiras da Galiléia, conquistando aí três praças fortes (A. 14, 12, 1 § 297s; G. 1, 12, 2 § 238s). Herodes acudiu em defesa de sua província. O encôntro de armas decisivo teve lugar nas fronteiras da Judéia pròpriamente dita, saindo Herodes vitorioso do encôntro com as tropas dos invasores, e expulsando a Antígono novamente do país (G. 1, 12, 3 § 240) (99).

121. — O tino político de Herodes manifestou-se, nesta ocasião, no fato de restituir a liberdade a todos os prisioneiros tírios, dando mesmo presentes a vários dêes, não só para granjear a boa vontade dos tírios (A. 14, 12, 1 § 298), mas ainda para estimular o seu ódio contra o tirano Marión (G. 1, 12, 2 § 238). Nota José que êste devia sua posição a Cássio, que dividira tôda a Síria em pequenos principados (A. 14, 12, 1 § 297; G. 1, 12, 2 § 239), seguindo, talvez, o princípio romano do *'divide et impera'*. Outro tiranete de tipo local era o mencionado Ptolomeu de Calcis (n. 118). A existência de tais tiranos, e, sobretudo, sua instituição, não falam a favor de Cássio, arvorado em campeão da liberdade (100). Herodes, contudo, não conseguiu retomar as praças fortes da Galiléia, ocupadas por Marión, não porque quisesse desfazer-se em primeiro lugar do perigo maior e mais imediato, representado pelas fôr-

(98). — E. Schürer 1, 387; F.-M. Abel 1, 323.

(99). — Em A. 14, 12, 1 § 299 afirma-se que o derrotou e o expulsou da Judéia, antes que pudesse penetrar além de suas fronteiras; em G. 1, 12, 3 § 240 que a batalha teve lugar na entrada da Judéia. Estando a Galiléia parcialmente em mãos dos invasores, a Judéia deve interpretar-se em sentido estrito. Ver também W. Otto 20.

(100). — A. H. M. Jones 36.

ças invasoras (101), mas simplesmente porque não o conseguiu, apesar de José nos dizer que expulsou a Marión da Galiléia (G. 1, 12, 2 § 238), e retomou as praças ocupadas por êle (A. 14, 12, 1 § 298). O próprio José cita páginas adiante um decreto de Marco Antônio, pelo qual manda expressamente aos tírios restituir o território judaico ocupado durante o govêrno de Cássio (A. 14, 12, 4 § 314-318). Temos, portanto, na narração de José, um vestígio da historiografia oficial de Nicolau de Damasco (102).

122. — Depois de sua vitória, Herodes foi recebido festivamente em Jerusalém. Hircano e o povo ofereceram-lhe corôas, a dádiva cobiçada daqueles tempos (103), e Hircano deu-lhe como noiva a Mariame, sua neta por sua filha Alexandra (A. 14, 13, 7 § 353; 15, 2, 5), neta, ao mesmo tempo, de Aristóbulo II, filha de Alexandre, decapitado pelos romanos em Antioquia em 49 (n. 117). O casamento, contudo, só teve lugar uns cinco anos mais tarde, devido, talvez, à pouca idade da noiva (104). José informa-nos, nesta altura, que Herodes já estava casado com Doris, que em uma passagem se diz de origem plebéia de sua própria nação, iduméia, portanto (A. 14, 12, 1 § 300; cf. G. 1, 26, 2 § 517) (105), em outra de família respeitável da Judéia (G. 1, 12, 3 § 241), em outra, ainda, natural de Jerusalém (G. 1, 22, 1 § 432), notícia esta de que se

(101). — Ib. 37.

(102). — E. Schürer 1, 387^{ss}; H. St. J. Thackeray 7, 607.

(103). — W. Otto 20. Ver 14, 12, 2 § 304 e 3 § 313.

(104). — Ib. 21. Ver A. 14, 12, 1 § 299s; cf. 13, 3 § 324; G. 1, 12, 3 § 240s. Nesta última passagem, falsamente se diz que Herodes casou com Mariame nesta ocasião. Ver, pelo contrário, G. 1, 17, 8 § 344; A. 14, 15, 14 § 467; W. Otto 20, etc. — O nome de *Mariame* (= *Mariamme*) não é outra coisa senão a forma grecizada de *Miryam*, irmã de Moisés (Ex. 15, 20s, etc.), nome que os Setenta transcrevem *Mariám*, a Vulgata latina *Maria*. Como o grego não admite palavras terminadas em *m*, José grecizou o nome em *Mariamme* (A. 3, 2, 4 § 54). Nos manuscritos da tradução latina das obras de José (= Hegesipo, ver n. 53), aparecem as formas *Mariamna*, *Marianna* e *Marianne*. Ainda hoje há quem escreva *Mariamne* (U. Holzmeister 26, etc.). Ver O. Bardenhewer, *Der Name Maria* (Biblische Studien, 1. Band, 1. Heft), Freiburg i. Br. 1895, 1-8; W. Bauer, *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der übrigen urchristlichen Literatur*, 4a. ed., Berlin 1952, 890. É duvidoso que o nome próprio feminino *Mariana* provenha de *Mariame* (como parece sugerir O. Bardenhewer, ib. 73); é antes contração de *Maria* e *Ana*; A. Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Tomo II (Nomes Próprios), Rio de Janeiro 1952, 192. — Nos tempos do Novo Testamento tanto *Maria*, quanto *Mariame* tornam-se mais frequentes. Chamava-se *Mariame*: *Mariame II*, terceira mulher de Herodes, filha do sumo-sacerdote Simão (G. 1, 28, 1 § 562 e 29, 2 § 573); uma mulher de Herodes de Calcis (G. 2, 11, 6 § 221); uma mulher de Herodes Arqueláu (G. 2, 7, 4 § 115; A. 17, 13, 4 § 350); uma filha de Aristóbulo, filho de Mariame I (G. 1, 28, 1, § 552); uma filha de Agripa I (G. 2, 11, 6 § 220; 5, 11, 5 § 474).

(105). — Ver W. Otto 22; A. H. M. Jones 37.

pode duvidar (106). Doris dera a Herodes seu filho primogênito Antípater (A. 14, 12, 1 § 300; G. 1, 12, 3 § 241), que deveria tornar-se outro gênio mau de Herodes em seus últimos anos (n. 88). E' provável que Herodes se divorciasse de Doris e exilasse a Antípater já nesta ocasião, e não apenas ao assumir o poder régio, como sugere José (G. 1, 22, 1 § 432s). Com efeito, não encontramos a ambos junto de Herodes por ocasião de sua fuga diante dos partas dois anos depois destes acontecimentos (107).

123. — O noivado de Herodes com Mariame prova que Hircano aceitava definitivamente a Herodes, e até o preferia a seu sobrinho Antígono. Herodes tornar-se-ia membro da casa reinante e o regente natural da nação em caso de morte de Hircano. O herdeiro presuntivo poderia considerar-se, então, Jonatã Aristóbulo — a quem daqui por diante chamaremos, por motivos de conveniência, de Aristóbulo III —, irmão menor de Mariame (G. 1, 22, 2 § 437; A. 15, 3, 3 § 54), o qual, todavia, nesta ocasião tinha apenas uns dez anos de idade (108). A união de Herodes com Mariame devia ainda consolidar enormemente sua posição dentro da nação (G. 1, 12, 3 § 240), e ajudá-lo na ascensão a maiores alturas. Esta mesma união, com efeito, devia dar-lhe maior prestígio ao lado de Fasael, seu irmão mais velho, e legitimar sua posição extraordinária dentro da nação. Certamente sua união com os dois ramos da casa real facilitou a consolidação do poder de Herodes nos primeiros anos de seu govêrno, e Mariame, como herdeira direta dos mesmos dois ramos dos hasmoneus, poderia ter-lhe causado sérias dificuldades, se fôsse chamada a governar em lugar de seu irmão mais novo (109).

124. — Herodes, todavia, ainda estava longe do trono, e devia vencer ainda uma grande série de contratempos. O pri-

(106). — W. Otto *ib.* Conforme H. St. J. Thackeray 7, 608s as palavras *ek tou ethnou* de A. 14, 12, 1 § 300 talvez se possam interpretar como da nação judaica, e não da iduméia.

(107). — A. 14, 13, 7 § 353; G. 1, 13, 7 § 264; ver W. Otto 21; U. Holzmeister 26, etc.

(108). — A. H. M. Jones 37.

(109). — Ver W. Otto 21, onde se combate, com razão, a opinião daqueles que acham, que a maior tolice da vida de Herodes foi seu casamento com Mariame, tolice que teria causado sua ruína final. Opinião semelhante já se encontra em G. 1, 22, 1 § 431, em contradição, aliás, com G. 1, 12, 3 § 240. M.-J. Lâgrange 167 compara o casamento de Herodes com Mariame à paixão de Henrique VIII por Ana Bolena, que deu nova direção à vida do rei e aos destinos religiosos da Inglaterra. Note-se, contudo, que o mau gênio dos últimos anos de Herodes foi Antípater, filho de Doris, o qual, ainda depois de eliminados os filhos de Mariame I, continuou a intrigar contra seus outros irmãos e contra o próprio pai; W. Otto *ib.*

meiro foi a derrota e a morte de seu novo fautor, Caio Cássio Longino, em Filipos, em fins de 42 a. C. Na partilha do mundo entre os dois vencedores, Marco Antônio e Caio Otaviano, coube o Oriente ao primeiro. Chegando êle à Ásia na primavera de 41, apresenta-se-lhe na Bitínia uma embaixada da nobreza judaica, que acusa a Fasael e Herodes de usurpação do poder, por deixar a Hircano as aparências sòmente do govêrno. Herodes igualmente aparece em cena, e a trôco de dinheiro consegue que Marco Antônio não preste ouvidos a seus adversários (A. 14, 12, 2 § 301-303; G. 1, 12, 4 § 242). Acresce que Marco Antônio tinha a Herodes em grande estima (A. ib. § 303), lembrado, sem dúvida, das relações de amizade que mantivera com Antípater por ocasião de sua primeira passagem pela Judéia como simples comandante de cavalaria sob as ordens de Gabínio (A. ib. § 326; G. 1, 12, 5 § 244) (110). Herodes e Fasael, que naquela ocasião deviam ter sido rapazes de seus dez a doze anos, poderão ter conhecido a Marco Antônio, e ter-lhe-ão lembrado o fato (111).

125. — Em Êfeso uma embaixada de Hircano apresenta a Marco Antônio uma corôa de ouro, juntamente com o pedido de mandar soltar os judeus vendidos por Cássio (n. 114), e restituir os territórios tirados aos judeus durante o govêrno do mesmo, o que se refere, naturalmente, às praças fortes da Galiléia, conquistadas por Marión de Tiro (n. 120s). Marco Antônio graciosamente deferiu o pedido, e José nos conservou sua carta a Hircano e dois decretos aos tírios, aos quais se ordenava restituíssem o território judaico ocupado e soltassem os judeus prisioneiros de guerra (A. 14, 12, 2 § 304 — 5 § 322). Decretos semelhantes, referentes igualmente aos judeus vendidos por Cássio e seus subordinados (cf. A. 14, 12, 3 § 313), foram dirigidos às cidades de Sidón, Antioquia e Arados (ib. 6 § 323).

126. — Os judeus, adversários de Fasael e de Herodes, os nobres do partido dos saduceus, instigados talvez por Antígono (112), não se deram por vencidos. Nova embaixada de cem nobres judaicos apresenta-se a Marco Antônio, já então prisioneiro dos encantos de Cleópatra (A. 14, 13, 1 § 324; G. 1, 12,

(110). — Ver A. 14, 5, 2 § 84 — 3 § 86 e 6, 1 § 92; G. 1, 8, 3 § 162. 4 § 165 e 6 § 171; Plutarco, *Antonius* 3.

(111). — Note-se que, em geral, Herodes e Fasael são tratados de modo igual, enquanto José, baseado provávelmente em fonte pró-herodiana (Nicolau de Damasco?), procura realçar apenas o papel de Herodes; W. Otto 22.

(112). — Sugestão de Jorge Sincato, *Chronographia* I, p. 576 (ed. G. Dindorf), citado por W. Otto 21.

5 § 243), no bosque de Dafne, perto de Antioquia, acusando os dois irmãos e seus amigos. Sua defesa foi feita por Marco Valério Messala Corvino, com o apóio de Hircano. Marco Antônio deixou a decisão sôbre quais os melhores líderes da nação a Hircano, o qual se pronunciou a favor de Fasael e de Herodes. Ambos foram, então, nomeados por Marco Antônio tetrarcas da Galiléia e da Judéia respectivamente, tendo, por conseguinte, em suas mãos o govêrno de todo o povo judaico. Quinze dos adversários dos irmãos foram postos em cadeias, e só escaparam da morte por intervenção de Herodes A. 14, 13, 1 § 324-326; G. 1, 12, 5 § 243s).

127. — Marco Antônio, desta forma, unia aos motivos de ordem pessoal (n. 124), razões de ordem política, uma vez que não podia ignorar que os adversários políticos dos irmãos eram os saduceus, inimigos declarados de Roma (113). Nada, todavia, lemos sôbre a deposição de Hircano como etnarca da nação, e será exagerado dizer, que só lhe ficou o sumo-sacerdócio (114). Continua agindo como chefe da nação e os irmãos continuam seus súditos, se bem que promovidos agora a uma posição que se assemelha à de príncipes vassallos (115). Posição semelhante terá mais tarde, com relação ao próprio Herodes, seu irmão mais novo, Feroras, nomeado tetrarca da Peréia (n. 247). Em todo o caso, dado o caráter indolente de Hircano, já antes desta ocasião pouco se terá envolvido nos negócios do govêrno, e pouca diferença terá sentido, satisfeito com que outros lhe tirassem as preocupações de governar.

128. — A tenacidade dos judeus, contudo, em insistir em suas reclamações contra os herodianos, foi prova evidente de seu desespero. Desta vez são mil judeus que se apresentam a Marco Antônio, já então em Tiro, tentando impressioná-lo com uma demonstração em massa (116). Marco Antônio, contudo, encarregou o governador de Tiro de castigar os rebel-

(113). — W. Otto 22; F.-M. Abel 1, 324.

(114). — E. Schürer 1, 388; U. Holzmeister 26.

(115). — W. Otto 22; F.-M. Abel 1, 326; H. St. J. Thackeray 7, 621. — Em A. 14, 13, 1 § 326 e na passagem paralela de G. 1, 12, 5 § 244 encontramos pela primeira vez em José o título de *tetrarca* — *tetrárchês* —, título que se tornará freqüente na casa de Herodes. Etimologicamente, o *tetrarca* é aquêlle que governa a quarta parte de um estado ou de uma federação, como acontecia na Tessália e na Galácia (Eurípides, *Alcestis* 1154; Plutarco, *Antonius* 56; Estrabão, *Geographica* 12, 5, 1 [p. 567]). Conservou-se o título ainda quando os territórios administrados eram inferiores ou superiores ao número de quatro. Enfim, *tetrarca* passou a designar simplesmente os príncipes de estados menores, a quem não se concedia o título de rei; F.-M. Abel ib.; E. Schürer 2, 7¹²; W. Bauer (ver nota 104) 1479.

(116). — W. Otto 22s.

des, e consolidar a autoridade dos novos tetrarcas. Apesar das recomendações de Herodes e de Hircano, os demonstrantes não cederam, e muitos dêles, em consequência, foram mortos ou feridos, como mortos foram também os quinze prisioneiros feitos anteriormente (A. 14, 13, 2 § 327-329; G. 1, 12, 6 § 245 — 7 § 247). Todos êstes fatos, evidentemente, só serviram para aumentar o ódio contra os irmãos idumeus, e contra os seus protetores, os romanos, como se verá em seguida (117). Acresce que o tempo da residência de Marco Antônio na Síria foi um tempo de opressão. Seu estilo de vida consumia somas enormes, que as províncias deviam fornecer. Onde quer que Antônio aparecesse, impostos exorbitantes se impunham invariavelmente, inclusive na Palestina (118), apesar das isenções decretadas a favor dos judeus por Júlio César (119), isenções que não eram respeitadas nem por Cássio, nem por Marco Antônio. Não admira, pois, que, na primeira oportunidade, os judeus procurassem livrar-se de seus opressores idumeus e romanos (120).

129. — III. **Herodes no exílio. Reinado de Antígono.** — A oportunidade desejada apresentou-se dois anos depois, 40 a. C., ano em que os partas lançaram sua grande ofensiva contra a Síria e a Ásia, enquanto Marco Antônio se encontrava no Egito junto de Cleópatra. Pácoro, filho de Orodes II, rei dos partas, e o sátrapa Barzafranes (= Barzafarna), juntamente com Quinto Labieno, representante de Bruto e Cássio junto dos partas, atravessaram o Eufrates e invadiram a Síria e a Ásia. Muitos dos soldados de Marco Antônio bandearam-se com Labieno, que se dava a si mesmo o título de '**Parthicus Imperator**'. O governador da Síria, Decídio Saxa (41-40 a. C.), foi derrotado e morto, e tôda a província caiu em poder dos partas, com a exceção de Tiro. Do mesmo modo, a Ásia Menor quase inteira foi tomada pelo traidor Quinto Labieno (A. 14, 13, 3 § 330; G. 1, 13, 1 § 248) (121).

130. — Foi esta a segunda oportunidade de Antígono para apoderar-se do trono da Judéia com o auxílio de estrangeiros. No reino de Calcis Lisânias havia sucedido a seu pai Ptol-

(117). — Ib. 23.

(118). — E. Schürer 1, 388; Apiano, *De Bello Civili* 5, 1, 7: Prosseguindo em direção da Frígia, da Mísia, dos Gálatas da Ásia, da Capadócia, da Cilícia, da Celessíria, da Palestina, da Ituréia e das outras espécies de sírios, a todos impôs pesadas contribuições.

(119). — W. Otto 23. Ver A. 14, 10, 2 § 195. 5 § 201. 6 § 204.

(120). — W. Otto 23.

(121). — B. Niese-E. Hohl 266; E. Schürer 1, 340s; F.-M. Abel 1, 328-330.

meu. Aliou-se a Antígono, para levá-lo ao governo de sua pátria. Antígono (122) prometeu aos partas 1.000 talentos e 500 mulheres para depor a Hircano, destruir a Herodes e os seus e colocá-lo a êle, Antígono, no trono (A. 14, 13, 3 § 330s; G. 1, 13, 1 § 248). José nota expressamente que não chegou a realizar sua promessa (A. 14, 13, 3 § 332), e veremos que não se tratava de mulheres quaisquer, mas das de Herodes e dos outros dirigentes da Judéia, que se salvaram com êle (123). Os partas, todavia, contentaram-se com a promessa e marcharam contra a Judéia em companhia de Antígono. Certamente devia estar nos seus interesses estabelecer um rei dependente na Judéia, que seria vassalo absolutamente fiel (124). Pácoro escolheu o caminho pela planície marítima, enviando a Barzafanes pelo interior do país. Tiro lhe fechou as portas, Ptolemaide (= Acco) e Sidón o admitiram. Enviou diante de si um destacamento de cavalaria sob o comando de um dos copeiros reais, chamado igualmente Pácoro, a fim de reconhecer a posição da Judéia e cooperar com Antígono (A. 14, 13, 3 § 332s; G. 1, 13, 1 § 249).

131. — A invasão foi relativamente fácil, o que se explica em grande parte pelo descontentamento geral com o regime vigente (n. 128), e a esperança fundada que, desta vez, a empresa seria bem sucedida (125). Apenas os invasores apareceram na região do monte Carmelo, grande multidão de judeus aderiu à causa de Antígono, e, vencidos os primeiros obstáculos, as forças dêste conseguiram chegar a Jerusalém e invadir a cidade. A resistência de Fasaél e Herodes foi grandemente dificultada por um levante popular dentro da cidade, e a chegada, para a festa de Pentecostes, de grande multidão de peregrinos de todo o país, que se juntou aos revoltosos. Os dois irmãos praticamente se viram confinados com poucas tropas no palácio real dos hasmoneus no centro da cidade, donde saíam em sortidas contra os invasores, enquanto os partas se conservaram inativos fora da cidade. Os esforços conjun-

(122). — E não Lisânias, como se diz em G. 1, 13, 1 § 248. Compare-se A. 14, 13, 3 § 331 e 5 § 343 com G. 1, 13, 4 § 257.

(123). — A. 14, 13, 5 § 343 comparado com 10 § 365; G. 1, 13, 5 § 257 e 11 § 273. Observa G. Ricciotti 372: *Moneta nuova questa, coniatà dal pronipote dei Maccabei.*

(124). — W. Otto 23; F.-M. Abel 1, 330.

(125). — W. Otto 23. Se o caráter de Antígono não o recomendava — provam-no o fato de ter prometido aos partas 500 mulheres judaicas, a mutilação de Hircano II (n. 134), sua rendição abjeta (n. 168), — era, contudo, o ódio por Herodes e os romanos tão arraigado no povo, que o último dos hasmoneus podia contar com adesões em tôdas as camadas sociais; R. H. Pfeiffer 26.

tos de Herodes e Fasael lograram dispersar os assaltantes, e mesmo cercá-los na cidade, no templo e num campo fortificado do lado de fora de Jerusalém (A. 14, 13, 3 § 334 — 4 § 339; G. 1, 13, 2 § 250 — 3 § 253). O país todo, talvez com exceção da Iduméia, estava em revolta (126). Em sua terra natal os dois irmãos podiam contar com certo apôio, e lá se encontrava seu irmão José (A. 14, 13, 9 § 361; G. 1, 13, 8 § 266). Para lá Herodes providentemente mandara levar grande parte de seus bens, como fizeram também seus amigos (A. ib. § 364; G. ib. 9 § 268), o que prova que êle contava com tôdas as eventualidades, porque via sua posição ameaçada, se bem que provavelmente não tenha previsto que os acontecimentos se desenrolassem com tal rapidez (127).

132. — Foi provavelmente a resistência inesperada dos defensores que induziu Antígono e os partas a tentar o caminho das negociações (128). Pácoro, o comandante parta (n. 130), entrou em contacto com Fasael, que o recebeu com mais de quinhentos cavaleiros na cidade. Deixou-se persuadir ainda a acompanhá-lo com Hircano II para junto de Barzafranes na Galiléia, a fim de tratar da suspensão das hostilidades. Duzentos e dez partas ficaram com Herodes. Êste em vão tentara dissuadir o irmão, aconselhando-o a atacar os partas (A. 14, 13, 4 § 341; G. 1, 13, 3 § 255). E' difícil dizer se Fasael de nada suspeitava, ou se esperava poder convencer os partas para abandonar o partido de Antígono (129). De fato, depois de diversas tergiversações dos partas, os quais esperavam poder apoderar-se igualmente de Herodes, antes que êste soubesse da traição, Hircano e Fasael foram presos (A. 14, 13, 5 § 342 — 6 § 348; G. 1, 13, 3 § 255 — 5 § 260). O chefe parta recusou as ofertas de Fasael, e êste, por sua vez, não querendo abandonar a Hircano, recusou as possibilidades de uma fuga por mar, que lhe oferecia Saramala, em seu tempo o homem mais rico da

(126). — A. 14, 13, 4 § 337; G. 1, 13, 3 § 253: o povo da campanha; A. 14, 13, 9 § 359; G. 1, 13, 8 § 265: os judeus; G. 1, 13, 4 § 256: a Galiléia; W. Otto 23.

(127). — W. Otto 23.

(128). — W. Otto 23. Conforme F.-M. Abel 1, 331 era praxe dos partas não arriscar a perda de vidas, enquanto os fins almejados pudessem ser obtidos por intervenção pacífica ou por meio de negociações.

(129). — W. Otto 23s, baseando-se em certos indícios, que se podem observar na attitude de Fasael perante os partas: recebe-os na cidade com grande hospitalidade A. 14, 13, 4 § 341; G. 1, 13, 3 § 254; quando prêsso, oferece mais dinheiro por sua vida, do que Antígono pelo reino A. 14, 13, 5 § 346; G. 1, 13, 5 § 259.

Síria. De fato, encontravam-se presos em Ecdipa, junto ao mar (A. ib. § 345s; G. ib. § 259s) (130).

133. — Em Jerusalém, no entretanto, os partas tudo tentavam para fazer com que Herodes deixasse o recinto da cidade, para apoderarem-se dêle. Êste, contudo, não acreditou numa pretensa carta de seu irmão, uma vez que já recebera notícia da traição pelo próprio Fasael e por meio de outros (131). Antes, porém, que os partas pudessem tentar um modo qualquer de apoderar-se de sua pessoa à traição, e prevendo, com certeza, que sua posição ia tornando-se insustentável, decidiu subtrair-se a seus adversários pela fuga. Durante a noite deixou Jerusalém com suas tropas e as pessoas mais chegadas de sua família, sua mãe, sua irmã Salomé, sua noiva Mariame com a mãe Alexandra, seu irmão mais novo Feroras, seus servos, e o resto das pessoas que estavam com êle, e tomou o caminho da Iduméia (A. 14, 13, 7 § 352. 354; G. 1, 13, 7 § 263s). Apesar de perseguido pelos partas, e tendo que combater com êles (G. 1, 13, 7 § 264; A. 14, 13, 8 § 358), e com os próprios judeus, para cobrir sua retirada (132), conseguiu reunir-se com seu irmão José na fortaleza de Oresa, perto de Hebrón, onde chegou são e salvo com outros fugitivos, que se haviam reunido a êle durante o caminho (G. 1, 13, 8 § 266; A. 14, 13, 9 § 361) (133). Sen-

(130). — Ecdipa — *Ekdippa* — é 'a hodierna Akhzip entre a fronteira do Líbano e Acco. — *Saramala*, a quem encontraremos mais uma vez na vida de Herodes (A. 15, 2, 3), é chamado em A. 14, 14, 5 § 345 o homem mais rico na Síria, em G. 1, 13, 5 § 259 o mais rico dos sírios. Diante disto é difícil dizer se era judeu ou não. Parece sugerir-lo sua atuação a favor da causa judaica. Seu nome, que talvez possa interpretar-se por príncipe do povo de Deus (= sar 'am'el, ver G. Ricciotti, *Flavio Giuseppe* 2, 76 e 1 *Mac.* 14, 27) também fala a favor de sua origem judaica.

(131). — Conforme A. 14, 13, 6 § 349s Herodes tem um colóquio com Pácoro (o copeiro real); o qual, por conseguinte, voltara a Jerusalém, depois de entregar suas vítimas a Barzafranes. Os partas querem que Herodes se aviste com 'o pretenso portador do relatório de Fasael fora da cidade, e ib. § 352 (cf. G. 1, 13, 7 § 263) abertamente se diz que temiam atacá-lo. A situação é perfeitamente possível, uma vez que dentro da cidade Herodes estava rodeado pelos seus, e, aparentemente, ainda dominava a situação. Em G. 1, 13, 6 § 261 diz-se, de modo geral, que Herodes se recusou a sair. Nesta resolução foi confirmado por Mariame segundo G. ib. § 262, por Alexandra, conforme A. ib. § 351, o que é mais provável; H. St. J. Thackeray 2, 123, 7, 634s.

(132). — Conforme G. 1, 13, 8 § 265; A. 14, 13, 9 § 359s a batalha com os judeus teve lugar no local em que posteriormente Herodes construiu a fortaleza e a cidade de Herodion. A narração da tentativa de suicídio de Herodes em A. 14, 13, 8 § 356-358 é pouco verossímil e contradiz ao que se afirma ib. § 355; W. Otto 24.

(133). — Em ambas as passagens afirma-se que eram mais de nove mil pessoas. — O nome da cidade, que na passagem de G. é *Rhêsa*, na de A. *Thrésa* ou *Tarêssa*, corrige-se, por conjectura, em *Oresa* (ver H. St. J. Thackeray 7, 639), identificada, por sua vez, com a *Horesha* de 1 *Sam.* 23, 15. 18, a atual *Khirbet Khoreisa*, a alguns quilômetros ao sul de Hebrón (F.-M. Abel, *Géographie* 2, 349s). Mais adiante José dirá que se tratava de uma praça forte (G. 1, 15, 4 § 294; A. 14, 15, 2 § 400).

do a comitiva numerosa demais para refugiar-se com êle na praça forte de Masada junto ao Mar Morto, dispersou-a pela Iduméia, levando consigo apenas oitocentos homens armados. Chegando à mencionada fortaleza, aí deixou os companheiros juntamente com sua família aos cuidados de seu irmão José, e partiu êle mesmo em demanda de Petra, capital dos nabateus (A. 14, 13, 9 § 361 e 14, 6 § 390; G. 1, 13, 8 § 266s e 15, 1 § 286).

134. — No entanto os partas haviam instalado Antígono como rei e sumo-sacerdote em Jerusalém (134), e entregavam-se à pilhagem da cidade e da Judéia em geral, sobretudo da cidade de Maresa (= tell-sandahanna), seja porque esta fôsse a capital da Iduméia, seja porque fôsse o berço da família herodiana (135). Retiraram-se, em seguida, para a sua terra, levando a Hircano como prisioneiro (A. 14, 13, 9 § 363s; G. 1, 13, 9 § 268s e 11 § 273). Fasael, com efeito, subtraira-se às suas mãos pelo suicídio. Prevendo o fim que o esperava, e não podendo dar-se a morte com as mãos algemadas, arreventara o crânio contra um rochedo. Morreu satisfeito, tendo sabido que Herodes escapara, e certo de que êste o vingaria. Antígono teria enviado médicos para curá-lo, em verdade, porém, para matá-lo, aplicando veneno a suas feridas (A. 14, 13, 10 § 367-369; G. 1, 13, 10 § 271s). Hircano II, além de prisioneiro dos partas, foi ainda vítima do ódio pessoal de Antígono. Êste lhe cortou as orelhas, ou, conforme outra versão, arrancou-lhas com os próprios dentes, a fim de incapacitá-lo para todo o sempre a reasumir o sumo-sacerdócio, uma vez que o detentor dêste officio devia estar absolutamente isento de qualquer defeito físico (136).

135. — A invasão dos partas em 40 a. C. deu-se, como foi visto, quando Marco Antônio se encontrava no Egito (n. 129). Com a defeção de uma parte de suas tropas na Síria, viu-se êle obrigado a angariar um novo exército, o que só podia fazer na Itália. Isto forçava-o a procurar um entendimento com Otaviano, com o qual seus partidários na Itália viviam em contínuas refregas. Amigos comuns de ambos os triúmviros fize-

(134). — Em Cássio Diôn, *Historia Romana* 48, 26, 2 lê-se erroneamente *Aristóbulo*, em 48, 41, 5 e 49, 22, 3 corretamente *Antígono*.

(135). — F.-M. Abel 1, 335.

(136). — A. 14, 13, 10 § 366; G. 1, 13, 9 § 269s. Ver *Lev.* 21, 17-23 e o comentário de José A. 3, 12, 2 § 278s. — Conforme G. 1, 13, 9 § 269; A. 14, 13, 10 § 365 Hircano e Fasael foram entregues a Antígono (admita F.-M. Abel 1, 336). Isto contradiz a A. 14, 13, 10 § 366, onde se narra que Antígono vai para o local onde Hircano está preso pelos partas. Também depois Hircano sempre aparece como prisioneiro dos partas, cf. A. 15, § 12s; W. Otto 25, nota.

ram com que chegassem a um entendimento, e no outono de 40 a. C. conclui-se a aliança de Brindisi. A paz pelo momento estava no interesse de ambas as partes. Novamente os triúmviros dividiram o mundo entre si: a Lépido ficava a África, a Otaviano o Ocidente latino, a Marco Antônio o Oriente helenístico. No verão de 39 a. C., no cabo Miseno, Otaviano e Marco Antônio chegaram a um entendimento com Sexto Pompeu, filho de Pompeu Magno, o qual se considerava herdeiro e vingador do pai, e concederam-se-lhe certos territórios e o domínio do mar. Desta forma, Marco Antônio estava livre para dedicar-se inteiramente à guerra contra os partas (137).

136. — Como ficou visto, Herodes, neste meio tempo, tendo deixado os seus em Masada bem aprovisionados de mantimentos para poder resistir a um longo assédio (A. 14, 13, 9 § 362; G. 1, 13, 8 § 267), dirigira-se para Petra, a fim de, junto do rei Malcos I (50-28 a. C.) sucessor de Aretas III (n. 97), obter os meios necessários para o resgate de seu irmão Fasael (138). Como garantia levava o filho deste último, rapaz de sete anos, e as promessas dos tírios, ainda fiéis ao partido de Marco Antônio (n. 129). Malcos, além disto, devia grandes somas de dinheiro a Herodes, depositados com êle por Antípater (A. 14, 14, 1 § 370s; G. 1, 14, 1 § 274s). Enviou, contudo, mensageiros a Herodes, proibindo-lhe a entrada em seu território, sob o pretexto de ter recebido ordens dos partas para isto (A. ib. § 372s; G. ib. § 276). Entende-se que os árabes não queriam indispor-se com os partas, então na ascendência, pelo fato de dar refúgio ao regente da Judéia, amigo dos romanos (139). Por outro lado, se podemos dar crédito a Cássio Dión (140), conforme o qual o governador Ventídio Basso (n. 153) exigiu um tributo de Malcos por ter-se comprometido com os partas, torna-se bastante verossímil a afirmação de José, de que o rei não queria partir com o dinheiro devido a Herodes (A. ib. § 372; G. ib. § 276). Com isto concorda, ainda, a atitude do mesmo rei na questão do tributo devido a Cleópatra (n. 194).

137. — Diante da repulsa de Malcos, Herodes toma a estrada do Egito, passando por Rinocorura (= *el-arish*), onde soube da morte de Fasael. Chegando a Pelúcio, as autoridades fornecem-lhe condução para Alexandria, onde foi bem recebido por Cleópatra. Esta queria detê-lo, para dar-lhe o comando de uma expedição (G. 1, 14, 2 § 279), tratando-se provavelmente de

(137). — B. Niese-E. Hohl 266s.

(138). — Sobre Malcos I ver E. Schürer 2, 355s.

(139). — W. Otto 24; F.-M. Abel 1, 336.

(140). — *Historia Romana* 48, 41, 5.

enviar auxílios a Marco Antônio na guerra contra os partas (141). Nada, porém, podia deter a Herodes, nem os perigos do inverno, nem as notícias providas da Itália, referentes a dificuldades internas (A. 14, 14, 2 § 374-376; G. 1, 14, 2 § 277-279), isto é, às lutas entre os partidários de Otaviano e de Marco Antônio, lutas que culminaram no assédio de Lúcio Antônio em Perúgia, terminado em 40 a. C. (142). O texto de José exclui que Herodes tenha ido ao Egito para solicitar o auxílio de Cleópatra. Tão pouco esperava encontrar aí a Marco Antônio, que havia deixado o Egito meses antes pela Itália (n. 135), fato de que Herodes devia estar informado (143). E' que, com a invasão dos partas na Palestina, o Egito ficara como único caminho seguro para chegar a Roma, meta última de Herodes, e única fonte certa, de onde poderia provir-lhe auxílio naquelas circunstâncias (A. 14, 14, 2 § 376; G. 1, 14, 2 § 279) (144). Os perigos do inverno naturalmente referem-se ao período do 'mare clausum', de 10 de novembro a 10 de março, período no qual cessava quase completamente a navegação no Mediterrâneo, enquanto o período mais seguro era considerado o de 20 de maio a 14 de setembro (145). Enfrentando, pois, os perigos do mar, embarca Herodes em Alexandria e chega são e salvo em Rodes, depois de ter escapado de terrível tempestade nas costas da Panfília, e tendo que lançar a carga do navio ao mar. Mandando construir uma trireme própria para si, embarca para Bríndisi com seus amigos, e de lá dirige-se diretamente a Roma (146).

138. — Em Roma, Herodes procurou diretamente a Marco Antônio, a quem referiu o que sucedera a Fasael e Hircano, a proclamação de Antígono para rei e seu pacto com os partas a respeito dos 1.000 talentos a pagar e das quinhentas mulheres a entregar, a situação aflitiva em que se encontravam os seus e sua viagem aventureira para chegar junto d'ele,

(141). — H. St. J. Thackeray 7, 646s, onde, todavia, se diz que Marco Antônio marchou contra os partas em princípios de 40 a. C. Como veremos, passou êle o inverno de 40-39 em Roma com Otaviano.

(142). — B. Niese-E. Hohl 265.

(143). — W. Otto 24.

(144). — W. Otto 24; G. Ricciotti 2, 373; F.-M. Abel 1, 337.

(145). — J. Felten 2, 488s; L. Friedländer, *Sittengeschichte Roms*, Wien 1934, 290s. Ver Vegécio, *Epitomae Rei Militaris* 4, 39; Tácito, *Historiarum* 4; 81; Filón, *In Flaccum* 15 § 125.

(146). — A. 14, 14, 3 § 377-379; G. 1, 14, 3 § 280s. Em A. 14, 14, 3 § 378 diz-se que Herodes, apesar de encontrar-se êle mesmo em situação financeira precária, contribuiu para a reconstrução da cidade de Rodes, que muito sofreu durante a guerra com Cássio em 42 a. C. — Os companheiros de viagem são Ptolomeu e Sapino ou Safinio, encontrados em Rodes (A. ib. § 377; G. ib. § 280), além dos amigos que levava consigo.

Marco Antônio, sua única esperança (A. 14, 14, 3 § 379s; G. 1, 14, 3 § 281). Conforme José, diversos foram os motivos que teriam induzido Marco Antônio a intervir a favor de Herodes: a consideração da variação da fortuna; a lembrança da hospitalidade de Antípater, que já o decidira antes a favor de Herodes (n. 124); as qualidades do próprio Herodes (G. 1, 14, 4 § 282); seu ódio por Antígono, a quem considerava como rebelde e inimigo dos romanos por causa de sua aliança com os partas (A. 14, 14, 4 § 381s; G. 1, 14, 4 § 282), e, enfim, o dinheiro prometido por Herodes se o fizesse rei, como o havia prometido, quando o fizera tetrarca (n. 124; A. ib. § 382). Estas considerações, portanto, teriam decidido Marco Antônio a fazer a Herodes, sem mais, rei dos judeus (G. ib. § 282). Semelhantes teriam sido os motivos que induziram a Otaviano a secundar os planos de Marco Antônio: a lembrança dos serviços prestados por Antípater a Júlio César no Egito (n. 18), sua hospitalidade e sua lealdade absoluta, o caráter empreendedor de Herodes (G. 1, 14, 4 § 283), enfim, o desejo de agradar a Marco Antônio (A. 14, 14, 4 § 383). José chega a dizer que Otaviano favorecia a Herodes mais ainda que Marco Antônio (G. ib.), o que parece pouco provável diante do papel preponderante desempenhado por Marco Antônio na nomeação de Herodes.

139. — Convocado, por conseguinte, o Senado, e na presença dos dois triúnviros, Herodes foi apresentado à assembléia por Marco Valério Messala Corvino, o mesmo que já havia tomado sua defesa diante de Marco Antônio no bosque de Dafne (n. 126), e Lúcio Semprônio Atratino, que, na ocasião, desempenhava as funções de augur (147). Messala, agindo como paraninfo de Herodes, expôs os serviços de Antípater no interesse da causa romana, e a lealdade de Herodes; provou, ainda, que Antígono era inimigo do povo romano, não só por causa de sua rebelião anterior (n. 121s), mas ainda por ter aceitado a corôa da mão dos partas, sem importar-se com os romanos (A. 14, 14, 4 § 384; G. 1, 14, 4 § 284). Estando desta forma suficientemente excitada a indignação do Senado, Marco Antônio, por sua vez, apresenta-se, e informa de que no interesse da guerra contra os partas seria conveniente que Herodes fôsse nomeado rei. A moção passou por unanimidade de votos (A. ib. § 385; G. ib. § 284). Encerrada a sessão, Marco Antônio e Otaviano tomaram a Herodes no meio, e, precedidos pelos côsules e outros magistrados, subiram ao Capitólio

(147). — Th. Reinach, citado por H. St. J. Thackeray 7, 651.

para oferecer os sacrifícios de praxe, e para depor aí o decreto da nomeação. Um banquete, oferecido por Marco Antônio, solenizou este primeiro dia do reinado de Herodes (A. ib. 5 § 288s; G. ib. § 285).

140. — Os fatos se deram na 184.a Olimpíada, no consulado de Cneu Domício Calvino, cônsul pela segunda vez, e de Caio Asínio Polião (A. 14, 14, 5 § 389), isto é, em 714 ab U. c. = 40 a. C. (148). Como os acontecimentos se passaram somente pelo fim do ano, talvez no mês de dezembro (149), já estamos propriamente na 185.a Olimpíada, que começou em 1.º de julho de 40 a. C. (150). Sabemos que Herodes empreendeu sua viagem pelos fins do outono (A. 14, 14, 2 § 376; G. 1, 14, 2 § 279), e somente neste ano de 40-39 Marco Antônio e Otaviano passaram o inverno juntos em Roma, depois de concluída a aliança de Bríndisi (151). Marco Antônio, com efeito, passara o inverno de 41-40 no Egito, e passará o de 39-38 na Grécia (152).

141. — Os historiadores greco-romanos mencionam a nomeação de Herodes, mas atribuem-na exclusivamente a Marco Antônio. Conforme Estrabão, Herodes era superior a seus antecessores no govêrno da Judéia, sobretudo por suas relações com os romanos e no govêrno do estado, a ponto de ser nomeado rei, autoridade que recebeu em primeiro lugar de Antônio, depois de César Augusto (153). Este modo de falar só pode referir-se a duas nomeações distintas, e a nomeação por parte de Augusto deve entender-se da restituição de Herodes depois da batalha de Accio (n. 205). Tácito afirma ter Augusto aumentado o reino de Herodes, dado por Antônio (154). Do mesmo modo refere Apiano, que Marco Antônio nomeou a Herodes rei para recolher os tributos dos idumeus e dos samaritanos (155). José, pelo contrário, é positivo, quando afirma a presença de Otaviano, e realça o fato de êle ter consentido na nomeação de Herodes (n. 138s), e o mesmo faz Júlio Africano (156). Resolve-se a dúvida pelo fato de vermos em Marco

(148). — E. Schürer 2, 395; U. Holzmeister 27; id., *Chronologia* 18s; V. Ehrenberg-A. H. M. Jones (ver n. 81) 33.

(149). — W. Otto 26; E. Schürer 1, 393^s.

(150). — E. Schürer 1, 393^s. H. St. J. Thackeray 7, 651.

(151). — Cássio Dion, *Historia Romana* 48, 28, 1-31, 6.

(152). — Apiano, *De Bello Civili* 5, 11, 43s; B. Niese-E. Hohl 266s; U. Holzmeister, *Chronologia* '19.

(153). — *Geographica* 16, 2, 46 (p. 765).

(154). — *Historiarum* 5, 9: Regnum ab Antonio Herodi datum victor Augustus audit.

(155). — *De Bello Civili* 5, 8, 75.

(156). — *Epistola ad Aristidem*, citada por Eusébio, *Historia Ecclesiastica*, l. 1, c. 7 (PG 20, 96A-B).

Antônio o agente principal na nomeação de Herodes, limitando-se a parte de Otaviano a consentir na mesma, e fazer um favor a Marco Antônio (n. 138).

142. — Discute-se sobre o motivo exato da viagem de Herodes a Roma: Com efeito, conta-nos José em uma passagem, que Herodes obteve a nomeação, pela qual não esperava, uma vez que fôra a Roma, não para pedir a realeza para si, mas, sim, para Aristóbulo III, irmão de sua noiva Mariame, neto igualmente de Hircano II e de Aristóbulo II (n. 123). Sabia êle perfeitamente que os romanos costumavam nomear pessoas das famílias reinantes. Tanto maior, por conseguinte, a prova de amizade por parte de Marco Antônio, que não só lhe dava o que não pedia, mas ainda o fêz com tanta rapidez, que depois de passados apenas sete dias Herodes podia novamente deixar a Itália (A. 14, 14, 5 § 386s) (157).

143. — Há várias razões para admitir na passagem em apreço a existência de manipulações pró-herodianas, e para admitir que Herodes, desde o princípio, vencendo todos os obstáculos, só visava alcançar para si, e somente para si, a realeza (158). Isto está inteiramente em conformidade com o modo de agir de Herodes até então, isto é, com sua vontade tenaz de subir, e de manter sua posição a todo o custo, e em tôdas as conjunturas políticas. Sua aspiração à realeza não era, por outro lado, uma idéia absurda, quando já Cássio lhe havia prometido de fazê-lo rei (n. 114) (159). Convém lembrar que as esperanças de Herodes aumentavam à medida em que diminuía o número de candidatos eventuais ao trono da Judéia. Êle mesmo se incumbira de liquidar o perigoso Málico, que não somente era assassino de Antípater, mas ainda mantivera aspirações dinásticas (n. 115s). Antígono e os partas haviam sido a causa do desaparecimento de Fasael. Devemos admitir, sem dúvida, que Herodes amava sinceramente a êste irmão, e que sua ansiedade pela sorte do mesmo fôsse genuína (n. 136). A aliança, contudo, de Herodes com a casa real por meio de seu noivado com Mariame, mostra que êle aspirava a ser o

(157). — Aceitam esta versão J. Felten 1, 112; G. Ricciotti 374 (Herodes contentar-se-ia com a posição de ministro onipotente, como o fôra Antípater de baixo de Hircano II); A. H. M. Jones 43. — Outros autores não a mencionam, e parecem, por conseguinte, ignorá-la, como H. Duesberg 105s; E. Schürer 1, 393; F.-M. Abel 1, 337; R. H. Pfeiffer 26. — Positivamente a rejeitam W. Otto 25s; U. Holzmeister 27; cf. H. St. J. Thackeray 7, 653.

(158). — W. Otto 25.

(159). — W. Otto 19s duvida desta promessa ainda em vida de Antípater.

elemento dominador em sua família. Não sabemos se o irmão mais velho, até então igual em tudo a Herodes (n. 126), ter-se-ia contentado com o segundo lugar, imitando o exemplo dos irmãos macabeus (n.s 8-10). Assim não se pode negar que o desaparecimento de Fasael foi, para Herodes, no fundo, extremamente oportuno, livrando-o de um concorrente eventual. Para o próprio Fasael foi melhor, sem dúvida, morrer em poder dos inimigos da pátria, do que talvez perecer ignominiosamente às mãos de seu irmão (160), que não teria hesitado em desfazer-se d'êle, se fôsse necessário, como haveria de desfazer-se de seus filhos, quando lhe pareciam perigosos.

144. — Quanto aos hasmoneus, o velho Hircano não era um obstáculo sério para Herodes, uma vez que sua mutilação o incapacitava para reassumir o sumo-sacerdócio (n. 134), e a posição de Herodes e de Fasael muito havia cerceado suas funções de etnarca. Além disto, estava prêso entre os partas. Mariame e sua mãe Alexandra poderiam considerar-se seguras pelo noivado da primeira com Herodes. Antígono perdera seus eventuais direitos ao trono por sua rebelião contra os romanos, e sua aliança com os partas, e o mesmo podia dizer-se de seus filhos. Destarte o único rival de Herodes, que de algum modo poderia ser tomado em conta, era Aristóbulo III, irmão mais novo de Mariame, e, ao que parece, o único herdeiro varão sobrevivente do ramo mais velho dos hasmoneus, o de Hircano (n. 123). Devia ter nesta ocasião de doze a treze anos, e não constituia obstáculo sério para Herodes, se sua acessão ao trono da Judéia, por qualquer motivo, não estivesse de acôrdo com os interesses de Roma.

145. — Se, pois, esta situação era extremamente favorável para Herodes, que seria o último a dela não se aperceber, sabemos pelo próprio José, no mesmo contexto em que nos diz ter Herodes pedido a realza para Aristóbulo III, ter igualmente oferecido dinheiro a Marco Antônio, se chegasse a ser rei — *εὶ γένοιτο βασιλεύς* —, com outras palavras, se Marco Antônio o fizesse rei, como o fizera tetrarca, aceitando o dinheiro de Herodes (A. 14, 14, 4 § 382). Diante do que ficou exposto, esta versão é muito mais verossímil (161). Na **Guerra** a idéia de fazer a Herodes rei, parte inteiramente de Marco Antônio (1, 14, 4 § 282), e nada ouvimos sôbre uma eventual nomeação de Aristóbulo III.

(160). — A. H. M. Jones 41s.

(161). — W. Otto 25.

146. — A rapidez da nomeação de Herodes, que já depois de sete dias novamente pôde deixar Roma (A. 14, 14, 5 § 386), sugere a mesma solução. E' pouco provável, que dentro do espaço de tão poucos dias se efetuasse uma mudança radical nos planos de Roma, para preferir Heródes a Aristóbulo III ou a qualquer outro candidato, que se tivesse em vista. A rapidez da nomeação sugere que Herodes, antes mesmo de chegar a Roma, havia entabulado negociações a respeito. Lembramos da pressa que Herodes tinha em chegar a Roma, e no entanto, interrompe sua viagem em Rodes. Chega a mandar construir uma trireme, quando podia ter alugado um navio, se estivesse realmente com pressa, assim como conseguira embarcar em Alexandria, apesar do 'mare clausum'. Isto sugere que êle já estava em comunicação com Roma, e estava sondando o terreno (162).

147. — Além disto, conta-nos José, que Herodes contribuiu para a reconstrução de Rodes, que muito sofrera durante a guerra com Cássio, apesar de levar muito pouco dinheiro, e até excedendo suas posses (A. 14, 14, 3 § 378). Por outro lado, vimos que Herodes ofereceu dinheiro a Marco Antônio, para fazê-lo rei, e é pouco provável que aquêle se contentasse com promessas, como o fizeram os partas no caso de Antígono (n. 145). Tudo isto sugere, que Herodes ficou em Rodes ainda para ajuntar as somas enormes de que precisava, tanto em Roma, quanto em Rodes, e ainda na volta à Palestina. Podia obtê-las a crédito das ricas comunidades judaicas da Ásia (163), ou, então, do já mencionado Saramala, o homem mais rico da Síria, que já tinha dado mostras de simpatia pela causa dos irmãos idumeus (n. 132). A reconstrução de Rodes devia ganhar as simpatias dos ródios (164), e, por conseguinte, também dos romanos, enquanto a construção de sua trireme lhe dava a plena liberdade de movimentos, de que precisava na ocasião. Tudo considerado, certamente deve dar-se preferência à opinião, que afirma ter Herodes ido a Roma, com o propósito de obter a realza diretamente para si.

148. — Se a amizade de Marco Antônio, o dinheiro de Herodes, e sua personalidade como tal influíram na decisão de Roma (n. 138), foram sobretudo razões de ordem política que terão levado a ela. Na iminência da campanha contra os partas era intollerável a existência, na Palestina, de um rei por

(162). — W. Otto 26; A. H. M. Jones 42.

(163). — A. H. M. Jones 42.

(164). — A. H. M. Jones 42.

graça dos partas, ou mesmo um regime anti-romano qualquer. Aristóbulo III, por outro lado, era jovem demais para pôr-se à frente de uma reação nacional judaica. Herodes, pelo contrário, oferecia tôdas as garantias possíveis: sua carreira anterior mostrava que era um líder; era amigo dos romanos a todo o transe; os últimos acontecimentos haviam-no tornado inimigo implacável de Antígono e dos partas. Além disto estaria inteiramente dependente dos romanos, não podendo, por conseguinte, recalcitar contra o aguilhão (165).

149. — Quanto à suplantação da casa reinante, não se podia esperar que os triúmviros se incomodassem com os sentimentos judaicos a respeito. Podiam supor que o apóio incondicional de Roma a favor de Herodes bastaria para reprimir qualquer oposição, e em geral assim se deu. O título de rei não podia tornar a Herodes mais impopular do que já era, e a autoridade real dava-lhe a possibilidade de remover pouco a pouco os restantes membros da dinastia dos hasmoneus, sem destruir ao mesmo tempo as bases de sua própria autoridade (166), que até então lhe viera dêstes mesmos hasmoneus. O título de rei devia ao mesmo tempo facilitar a suplantação de Antígono, que igualmente fôra proclamado rei pelos partas. Podia dar-se a Herodes êste título, que fôra tirado por Pompeu aos governantes da Judéia com tanto maior facilidade, quanto os romanos deviam saber, que Herodes, por sua descendência não podia reunir em sua pessoa as funções de rei e de sumo-sacerdote (167), fato que devia diminuir sua autoridade aos olhos do povo judaico, habituado há gerações a ver em seus etnarcas e reis a suprema autoridade religiosa e civil. Por outro lado, rei ou não, estava Herodes sujeito às limitações de sua autoridade impostas pelo poder de Roma, a quem tanto fazia um rei, um tetrarca ou outro príncipe qualquer.

150. — Pode perguntar-se, ainda, quais as vantagens práticas imediatas que teve para Herodes a realização de seu sonho. Em primeiro lugar, naturalmente, tinha Herodes atrás de si tôda a autoridade de Roma, que o nomeara rei de um território, que ela reclamava para si pelo direito da conquista. De resto, porém, Herodes podia ver como conquistaria seu reino, uma vez que Roma, no momento, estava ocupada com os

(165). — W. Otto 26.

(166). — A. H. M. Jones 44.

(167). — W. Otto 26.

partas (168). Veremos que o apôio romano, na prática, era, ao menos no princípio, bastante problemático, e que Herodes teve que lutar só durante muito tempo. Parece, contudo, que já nesta ocasião houvesse um aumento do território judaico pela inclusão da Samaria, cuja administração já estivera entregue a Herodes pessoalmente (n. 108. 111). Todavia, a Samaria ainda não foi cedida completamente, mas contra a pagamento de um tributo anual (169). Com estas perspectivas, pois, Herodes podia deixar Roma e a Itália, enfrentando novamente os perigos do 'mare clausum', provavelmente em sua trireme, que foi talvez a primeira nau de sua marinha (n. 244). Terá partido em dezembro de 40 ou janeiro de 39 a. C. (170). Nada sabemos sobre esta viagem, a não ser que Herodes chegou são e salvo em Ptolemaide (A. 14, 15, 1 § 394; G. 1, 15, 3 § 290).

151. — Durante todo este tempo as tropas de Antígono estavam assediando a praça forte de Masada, refúgio da família e dos companheiros de Herodes (n. 133). Como faltasse água aos sitiados, José resolvera refugiar-se com duzentos de seus homens para junto de Malcos I, rei de Petra, tendo ouvido que este se arrependera por ter negado auxílio a Herodes (171). Porém, na noite fixada para a fuga, caiu tal abundância de água, que a fuga se tornou desnecessária. A guarnição, encorajada por este ato da providência divina (A. 14, 14, 6 § 391), começou a dar-se a uma série de sortidas contra os inimigos (A. 14, 14, 6 § 390s; G. 1, 15, 1 § 286s). Desviam animá-la, quicá, rumores da atividade de Ventídio Basso contra os partas (n. 153), e a esperança da volta próxima de Herodes (172).

152. — Não sabemos até que ponto Antígono conseguiu apoderar-se do resto do país. Vimos que os partas devastaram o território da Judéia, e sabemos que destruíram a cidade importante de Maresa na Iduméia (n. 134; A. 14, 13, 9 § 364; G. 1, 13, 9 § 269). O fato de Masada estar sitiada pelas forças de Antígono, e o de nada ouvirmos sobre outra atividade guerreira qualquer, parece sugerir que Antígono se encontrasse

(168). — Ver M.-J. Lagrange, *Évangile selon saint Luc*, 2a. ed., Paris 1921, 9: Le sénat l'avait nommé roi, le laissant se tailler un royaume selon sa fortune et les convenances romaines.

(169). — Apiano, *De Bello Civili* 5, 8, 75; W. Otto 26. De fato vemos Herodes exercer sua autoridade na Samaria G. 1, 15, 6 § 299 e 302. 16, 1 § 303 e 5 § 314; A. 14, 15, 3 § 408 e 411. 4 § 413.

(170). — H. St. J. Thackeray 7, 657.

(171). — Ver n. 136. Malcos, com efeito, mandara mensageiros atrás de Herodes, mas este já estava em Pelúcio, A. 14, 14, 2 § 375; G. 1, 14, 2 § 278.

(172). — F.-M. Abel 1, 338.

de posse do país todo, graças aos partas. Indiretamente sabe-mo-lo, ainda, pela reconquista da praça forte de Oresa (n. 133. 156) e da cidade de Jafa por parte de Herodes (n. 156), e ainda das cidades da Galiléia, ainda em poder de Antígono (n. 159). Destarte Antígono conseguiu com o auxílio de estrangeiros, o que seu pai e seu irmão haviam tentado em vão conquistar pelas próprias forças (173). Suas moedas nos atestam que êle assumiu igualmente o sumo-sacerdócio, como era natural, e que êle tinha ainda, como os hasmoneus em geral, um nome judaico, o de Matatias. Há, com efeito, moedas suas com duas legendas: Βασιλέως Ἀντιγόνου — Matatias sumo-sacerdote (em hebr.) (174). Assim, pois, a dinastia hasmonéia começa gloriosamente com um Matatias (n. 8), e termina inglôriamente com outro (175), pois os dias do reinado de Matatias Antígono e os de sua vida estavam contados.

153. — Marco Antônio começara a pensar sèriamente na guerra contra os partas, e, ainda em 40 a. C., enviara seu legado Públio Ventídio Basso à Asia. Êste conseguiu expulsar a Quinto Labieno (n. 129), e em duas batalhas, junto do Tauro e do Amanó, conseguiu vencer os partas, e reconquistar as províncias perdidas, em começos de 39 (176). Dirigiu-se depois para a Judéia, aparentemente para socorrer a José, irmão de Herodes, e os seus, sem, contudo, proceder sèriamente contra Antígono. Contentou-se com exigir dêle um tributo, ou, antes, a extorquir dinheiro dêle, como diz José (177). Acampou durante algum tempo nos arredores de Jerusalém, retirando-se novamente com o grosso de suas tropas. A fim de não se tornarem manifestas suas transações, se se retirasse com tôdas as suas forças, deixou na Judéia um corpo militar debaixo do comando de seu legado Silo. Êste seguiu a mesma política de procrastinação, inteiramente no interêsse de Antígono, o qual desejava evitar dificuldades com os romanos, esperando obter novos socorros por parte dos partas (178). Não

(173). — E. Schürer 1, 393.

(174). — Suas moedas são, além disto, as primeiras moedas judaicas que levam uma data: ano primeiro, ano segundo (de seu reinado); A. R. S. Kennedy, *Money* (ver n. 83) 426.

(175). — A. R. S. Kennedy, ib.; E. Schürer 1, 392; F.-M. Abel 1, 334; A. Reifenberg, *Moedas dos Judeus* (trad. hebr.), Jerusalém 1947, 36.

(176). — B. Niese-E. Hohl 268; E. Schürer 1, 341; F.-M. Abel 1, 338. Ver Cássio Dión, *Historia Romana* 48, 39, 1-41, 4; Tito Lívio, *Epítome* 127; Plutarco, *Antonius* 33.

(177). — Conforme Cássio Dión, ib. 48, 41, 5 Ventídio exigiu reparações também de Antioço de Comagene e de Malcos, o Nabatru, por terem colaborado com os partas.

(178). — A. 14, 14, 6 § 392s; G. 1, 15, 2 § 288s. — Cássio Dión, ib. 48, 41, 1 dá a Silo o prenome de Pupédio, Pompédio, Popédio.

há motivos sérios para duvidar da narração de José sôbre a atitude dos chefes romanos, que se explica perfeitamente pelo pouco interêsse que Marco Antônio estava mostrando pelas coisas do oriente (179). Prova tangível da falta de boa vontade por parte dos chefes romanos, é ainda, a continuação do assédio de Masada.

154. — IV. **Herodes empenhado na conquista de seu reino.** — Herodes, no entanto, havia chegado a Ptolemaide, provavelmente em princípios de 39 a. C. A cidade, já então, devia estar novamente em mãos dos romanos (n. 130). Como Ventídio Basso se encontrava perto de Jerusalém ainda na segunda metade de 39, ainda passou cêrca de meio ano, antes que Herodes se pusesse em marcha contra Antígono (180). Marco Antônio havia enviado ordens, por meio de seu emissário, o historiador Quinto Délío, a Ventídio e Silo, a fim de ajudar a Herodes na conquista de seu reino (G. 14, 15, 3 § 290; A. 14, 15, 1 § 394), o que, todavia, não influiu muito na atitude dos dois chefes romanos (181). Ventídio, com efeito, estava ocupado em regularizar a situação, em que a Síria se encontrava depois da invasão dos partas. Silo continuava inativo na Judéia, comprado por Antígono (182). Se o auxílio de Roma nesta primeira fase da conquista, era bastante ambíguo, ofereceu, contudo, a Herodes a possibilidade de poder encetar sua campanha na segunda metade de 39 (183). De fato, a reconquista da Síria pelos romanos, deu-lhe a possibilidade de reunir um exército no local, e a presença de Silo na Judéia devia grandemente obstruir os movimentos de Antígono, que não podia prever a atitude final dos romanos.

155. — Apenas chegado em Ptolemaide, Herodes começou a reunir um exército considerável entre estrangeiros e nativos, certamente em grande parte idumeus (184), o que explica a demora em socorrer os seus em Masada. Em seguida, começou a invasão da Galiléia. José exagera, sem dúvida, ao afirmar que tôda a Galiléia, com poucas exceções, logo aderiu a

(179). — W. Otto 27.

(180). — H. St. J. Thackeray 7, 657.

(181). — W. Otto 27.

(182). — A. 14, 15, 1 § 395; G. 1, 15, 3 § 291. Diante disto é difícil ver como José A. ib. § 394; G. ib. § 290 pode dizer que ambos estavam colaborando com Herodes.

(183). — W. Otto 27.

(184). — Assim W. Otto 27 interpreta a palavra *homóphyloi* de A. 14, 15, 1 § 394; G. 1, 15, 3 § 290.

Herodes (A. 14, 15, 1 § 394; G. 1, 15, 3 § 290) (185). A atitude posterior dos galileus, que só difficilmente se submeteram e exigiam contínuas intervenções de Herodes, prova o contrário (186). Ainda tempos depois Herodes se dirige para a Galiléia, para tomar a importante cidade de Séforis (G. 1, 16, 2 § 304; A. 14, 15, 4 § 413). Não se nega que Herodes tenha obtido reforços durante a marcha também de entre os judeus, uma vez que a situação havia mudado, e que o regime dos partas em Jerusalém e na Judéa em geral devia ter alienado muitas simpatias de Antígono (187).

156. — O objetivo primário de Herodes era, sem dúvida, a libertação de Masada. Era-lhe extremamente importante sua aliança com Mariame (n. 123; A. 14, 15, 1 § 396; G. 1, 15, 3 § 292), e tudo fizera para pô-la a salvo. Tendo-lhe sido concedida a Samaria pelos romanos (n. 150), podia livremente avançar por ela na invasão da Judéa, para realizar assim, sucessivamente a reconquista da Iduméia e de Masada (188). Antes de mais nada, porém, urgia retomar a cidade de Jafa, para não deixar esta praça forte nas mãos dos inimigos à sua retaguarda (n. 152). Silo escolheu este momento inoportuno para levantar seu acampamento perto de Jerusalém. Sendo perseguido pelos judeus, é socorrido por Herodes (G. 1, 15, 3 § 292; A. 14, 15, 1 § 396s). Tomada Jafa, segue Herodes para Masada. Os habitantes da região, idumeus, portanto, juntam-se-lhe, lembrados de Antípater e entusiasmados por Herodes, de quem esperavam recompensas no futuro. Sem maior dificuldade conseguiu Herodes evitar as emboscadas de Antígono, e libertar os seus em Masada. Retoma, ainda, a praça forte de Oresa ao sul de Hebrón (n. 133. 152), e dirige-se, em seguida, para Jerusalém, onde se reúne novamente com as tropas de Silo (A. 14, 15, 1 § 398 — 2 § 400; G. 1, 15, 4 § 293s).

157. — O primeiro assédio da capital terminou em nada por culpa dos romanos. Logo depois das primeiras escaramuças, Herodes mandou proclamar que viera para o bem do povo e a salvação da cidade, e concedia anistia a todos. Antígono, por sua vez, segundo a **Guerra**, proibiu aos seus, que o escutassem ou desertassem, e a luta continuou (G. 1, 15, 5 § 295s; cf.

(185). — A. H. M. Jones 44: Herod raised an army of mercenaries in Ptolemais, which was increased by volunteers from Galilee, where he was personally popular.

(186). — W. Otto 27.

(187). — W. Otto 27. Ver A. 14, 15, 2 § 400; G. 1, 15, 4 § 294. Em ambas as passagens se dá como motivo das adesões a força do exército de Herodes.

(188). — W. Otto 27s.

A. 14, 15, 2 § 401s. 405). Nas **Antigüidades** Antígono é mais explícito, e talvez aí se encontre a verdadeira razão para a suspensão do assédio. Faz êle saber aos romanos, que seria contrário a seus princípios dar a realeza a um pebleu e a um estrangeiro, a um idumeu e semi-judeu, em lugar de oferecê-la a um membro da casa reinante (189). Se estavam indispostos com êle, e queriam tirar-lhe o poder por tê-lo aceito dos partas, havia outros membros de sua família, dignos da realeza, que em nada haviam ofendido contra os romanos, e eram todos sacerdotes (190). Este depoimento e o sucessivo comportamento misterioso de Silo, que havia sido subornado por Antígono (191), sugere que se houvessem entabulado negociações sôbre uma eventual abdicação de Antígono a favor de um outro membro da casa dos hasmoneus, e que se efetuara uma espécie de armistício entre o general romano e Antígono (192). Na **Guerra**, pelo contrário, não aparece a razão última da suspensão do assédio.

158. — Em todo o caso, Silo fêz com que suas tropas reclamassem em altas vozes pela falta de mantimentos, e insistissem em ser levadas para os quartéis de inverno, uma vez que os arredores de Jerusalém haviam sido devastados pelas tropas de Antígono. Silo, por conseguinte, levantou o acampamento, e ameaçava retirar-se (A. 14, 15, 3 § 406; G. 1, 15, 6 § 297). Herodes, que não podia manter o sítio sozinho, lembrou aos romanos as ordens de Otaviano, de Marco Antônio e do Senado, e pessoalmente se entregou à procura de mantimentos, instituindo ainda um suprimento regular da Samaria para Jericó. Conseguiu seu intento, apesar dos esforços de Antígono em contrário. Não obstante isto, despediu Herodes as tropas romanas, e as aquartelou nas regiões que lhe ficavam fiéis, na Iduméia, na Galiléia e na Samaria, deixando ainda uma guarnição em Jericó. Antígono, por sua vez, querendo entrar de algum modo nas boas graças de Marco Antônio, conseguiu por meio de dinheiro que Silo aquartelasse parte de

(189). — A mesma idéia encontra-se na passagem de A. 14, 14, 5 § 386, analisada no n. 142, e ib. 16, 4 § 489. Sôbre a prática de Augusto a respeito ver Suetônio, *Augustus* 48.

(190). — A. 14, 15, 2 § 403-405. Em A. 14, 16, 4 § 489 mencionam-se *paides* de Antígono. Além disto havia ainda Aristóbulo III, irmão de Mariame (n. 123), e, entre os parentes mais distantes, os dois filhos de Babas ou Sabbá (n. 218).

(191). — A. 14, 15, 3 § 406; cf. 15, 1 § 395 e 15, 3 § 412; G. 1, 15, 6 § 297 e 15, 3 § 291; 6 § 302.

(192). — Sugestão de W. Otto 28, enquanto A. H. M. Jones 45 diz positivamente que Antígono queria abdicar a favor de um outro membro da linha real e sacerdotal legítima.

suas fôrças em Lida (= Lod), cidade da Judéia (A. 14, 15, 3 § 407-412; G. 1, 15, 6 § 298-302). Desta forma Herodes perdia novamente a Judéia, com a exceção de Jericó (193), e os romanos obstinavam-se em sua atitude ambígua anterior.

159. — Esta atitude inexplicável não impediu que Herodes continuasse só na conquista de seu reino na medida do possível. Enviou seu irmão José com um contingente de tropas à Iduméia, para prevenir um possível levante a favor de Antígono, enquanto êle mesmo foi à Samaria, onde deixou sua mãe e outros parentes, e prosseguiu para a Galiléia, a fim de recuperar algumas praças fortes, que ainda se achavam em mãos de Antígono (n. 155; A. 14, 15, 4 § 413; G. 1, 16, 1 § 303). A sujeição completa da Galiléia era vital, devendo ela servir de base de operações para a conquista da Judéia (194). A guarnição de Séforis retirou-se sem combate, e Herodes tomou a cidade com suas provisões abundantes. Dirigiu-se depois contra certos bandidos que infestavam a Galiléia, adversários políticos, sem dúvida, como o haviam sido os bandidos de Ezequias anos antes (n. 103) (195). Derrotou-os depois de violentos combates na região de Arbela (= irbid), a pouca distância do lago de Genesaré (196). Pagando suas tropas, despachou-as para os quartéis de inverno (A. 14, 15, 4 § 413-417; G. 1, 16, 2 § 304 — 3 § 308).

160. — Passado um mês, Antígono suspendeu os fornecimentos a Silo e suas tropas, aquarteladas em Lida (n. 158), e instruiu os habitantes dos arredores a refugiar-se com seus mantimentos nas montanhas, a fim de deixar os romanos inteiramente desprovidos. Silo e os seus, recorrendo a Herodes, foram entregues aos cuidados de Feroras, seu irmão (197), o qual, ao mesmo tempo, recebeu ordens para reconstruir a fortaleza de Alexandreion, construída por Alexandre Janeu no pico de Sartabé, no vale do Jordão, e arrasada por Gabínio em 57 a. C. Executaram-se ambas as incumbências (A. 14, 15, 4 § 418s; cf. 6, 1 § 92; G. 1, 16, 3 § 308 e 8, 6 § 171).

(193). — Ver, contudo, o n. 164.

(194). — W. Otto 28.

(195). — W. Otto 28; G. Ricciotti 375; A. H. M. Jones 45.

(196). — *Arbela* cita-se 1 Mac 9, 2; M. Haguigah 2, 2 e Aboth 1, 6s. José menciona suas cavernas A. 14, 15, 5 § 421-430; G. 1, 16, 4 § 309-5 § 314; 2, 20, 6 § 513; V. 37 § 188. 60 § 311. Nas proximidades encontram-se os Picos de 'Hatin, onde, em 1187, Saladino destruiu as fôrças do reino latino de Jerusalém.

(197). — Em G. 1, 16, 3 § 308 Feroras é nomeado comissário das tropas de Herodes, sem menção de Antígono ou das tropas romanas.

161. — Enquanto Marco Antônio se encontrava em Atenas com sua mulher Otávia, irmã de Otaviano, os partas novamente invadiram as províncias romanas, sob o comando do mesmo Pácoro em 38 a. C. (n. 129) (198). Ventídio Basso ordenou o regresso de Silo, incumbindo-o, todavia, de regularizar primeiramente a situação na Judéia. Herodes igualmente era chamado para juntar-se a Ventídio. Preferiu, contudo, despedir desde logo a Silo, e continuar só sua luta contra os mencionados bandidos, que se haviam instalado nas cavernas de Arbela. Aí foram definitivamente exterminados em horrenda chacina (199). Deixando na Galiléia um contingente de tropas sob o comando de certo Ptolomeu, dirigiu-se Herodes para a Samaria, para enfrentar diretamente a Antígono. Contudo, novo levante na sempre irrequieta Galiléia (n. 155), custou a vida de Ptolomeu, e forçou a Herodes a voltar para lá. Depois de extinguir a revolta, impôs às cidades implicadas o pesado tributo de 100 talentos (A. 14, 15, 6 § 431-433; G. 1, 16, 5 § 314-316).

162. — Neste meio tempo Ventídio havia completamente derrotado os partas (200). Afastado, por conseguinte, o perigo da invasão, Ventídio recebe ordens de Marco Antônio para despachar duas legiões e um destacamento de mil cavaleiros para junto de Herodes, o que se fez sob o comando de Maqueras — Μαχαίρας —. Antígono em vão tentou subornar a este, o qual, todavia, se indispôs com Herodes por causa de sua impudência. Realizando, por conta própria, uma expedição de reconhecimento a Jerusalém, é repellido por Antígono, e obrigado a retirar-se vergonhosamente para Emaús (= amwas), onde se encontrava Herodes. Deu largas a seu ressentimento, matando a todos os judeus que encontrava no caminho, amigos e inimigos (201). Herodes, justamente indigna-

(198). — A. 14, 15, 5 § 420; G. 1, 16, 4 § 309; Cássio Dião, *Historia Romana* 48, 39 a. C. 48, 19, 1-4; outono de 39 a. C.

(199). — A. 14, 15, 5 § 420-430; G. 1, 16, 4 § 309-313. A narração de A. é a mais dramática. Devido à situação das cavernas, à meia altura das rochas, Herodes fez descer seus soldados dentro de uma espécie de baús ou cestas — *lárnakes*. — Com estacas armadas de ganchos apanhavam os habitantes das cavernas e os atremessavam para o precipício. O resto pereceu pelo suicídio e pelo fogo.

(200). — A. 14, 15, 7 § 3-14; G. 1, 16, 6 § 317; Cássio Dião, *Historia Romana* 49, 20, 1-3; Tito Lívio, *Epítome* 128; Plutarco, *Antónius* 34; E. Schürer 1, 341; B. Niese-Hohl 268.

(201). — A. 14, 15, 7 § 434-436; G. 1, 16, 6 § 317-319. — Em A. ib. § 435 fala-se do subórno de Maqueras, em G. ib. § 318 nega-se expressamente. A atitude de Antígono fala a favor desta última afirmação, bem como o fato de Maqueras continuar no comando das tropas; W. Otto 29; cf. A. 14, 15, 7 § 438. 10 § 448. 450; G. 1, 17, 1 § 323. 5 § 334.

do, retira-se para a Samaria, porque decidira dirigir-se pessoalmente a Marco Antônio, que acabava de voltar à Síria (202). Maqueras conseguira efetuar as pazes com Herodes, e obteve d'êle que deixasse consigo a seu irmão José, a fim de ambos conjuntamente continuar a guerra contra Antígono, não sem que Herodes avisasse a seu irmão a não se expor a uma batalha com as tropas de Antígono, e a não se fiar demasiadamente de Maqueras, que provara ser tão ineficaz quanto Silo (A. 14, 15, 7 § 437s; G. 1, 16, 7 § 320 e 17, 1 § 323). Chegara êle, evidentemente, à conclusão, de que nada conseguiria, sem o auxilio eficaz dos romanos. Suas próprias forças eram insuficientes para conseguir o fim almejado, e seu prestígio no povo judaico não era suficientemente grande, para garantir-lhe o sucesso (203). Sua visita a Marco Antônio devia, naturalmente, servir também para expor suas queixas contra Maqueras (G. 1, 16, 7 § 320; A. 14, 15, 7 § 437).

163. — Depois de sua vitória sôbre os partas em 38, Ventídio Basso estava empenhado em extirpar os últimos restos da revolta. Antígono, rei de Comagene, não queria render-se incondicionalmente, e Ventídio lhe pôs assédio em sua capital, Samósata no Eufrates (204). Para livrar-se de Ventídio, Antígono em vão ofereceu a soma de 1.000 talentos. Não querendo Marco Antônio que seu legado, militar de grande valor (205), colhesse êle só todos os triunfos da campanha, appareceu em cena e decidiu substituí-lo. O assédio, contudo, se prolongou ainda, porque Antíoco oferecia resistência maior do que se esperava (206). Foi para lá que se dirigiu Herodes com parte de suas forças. Em Antioquia encontrou tropas de Marco Antônio, que não se aventuravam a sós pelo território infestado pelo inimigo. Conseguiu que o acompanhassem, ansioso como estava pela oportunidade de mostrar o seu valor, e merecer a gratidão de Marco Antônio (G. 1, 16, 7 § 321). Logrou, com efeito, levar suas tropas até Samósata, não obstante os ataques dos inimigos, e procurou tornar-se útil ao chefe romano, que o recebeu com satisfação (A. 14, 15, 8 § 439-446; G. 1, 16, 7 § 321s). Pouco depois suspendeu-se o cerco

(202). — No verão de 38 a. C. Ver H. St. J. Thackeray 7, 673. 677; B. Niese-E. Hohl 268.

(203). — W. Otto 29.

(204). — Cássio Diôn, *Historia Romana* 49, 20, 4 diz que os sírios em geral tinham em grande estima a Pácoro, por causa de sua justiça e bondade. Isto talvez explique a obstinação de Antíoco.

(205). — Vários exemplos instrutivos das campanhas de Ventídio contra os partas citam-se em Frontião, *Stratagemata* 1, 1, 6; 2, 2, 5 e 2, 5, 36s.

(206). — Plutarco, *Antonius* 35; Cássio Diôn, *Historia Romana* 49, 20, 5-22, 2; E. Schürer 1, 341s; B. Niese-E. Hohl 268.

de Samósata mediante o pagamento de 300 talentos (207). Marco Antônio, ao voltar para a Itália, deixou como governador da Síria a Caio Sósio (38-37 a. C.), com ordens de ajudar a Herodes. Entende-se que a boa vontade demonstrada por Herodes merecesse sua recompensa, agora que as tropas romanas estavam livres para outras incumbências. Sósio, de fato, enviou duas legiões para a Judéia para ajudar a Herodes, devendo seguir êle mesmo com o resto das tropas (A. 14, 15, 9 § 447; G. 1, 17, 2 § 327). Temos aí um dos raros exemplos em que se punham tropas romanas sob o comando de um estrangeiro (208).

164. — Na Judéia, neste interim, as coisas tinham ido de mal a pior, o que só tornava mais valioso o bom êxito do apêlo de Herodes a Marco Antônio (209). Apenas José soubera que Herodes estava longe (n. 162), obteve de Maqueras cinco coortes a fim de atacar Jericó, e apoderar-se da colheita de trigo. Suas tropas eram novas, e não resistiram aos ataques dos inimigos. José, em consequência, pereceu com tôdas elas. Antígono, não satisfeito com a morte do adversário, mandou cortar-lhe a cabeça, pela qual Feroras pagou 50 talentos de resgate (210). Vê-se, por conseguinte, que Jericó, durante a ausência de Herodes havia caído nas mãos de Antígono (211). Em todo o caso, o sucesso das armas dêste levou a um novo levante na Galiléia, e houve igualmente defecções em várias partes da Iduméia, onde Maqueras estava, na ocasião, reconstruindo a fortaleza de Guitá (A. 14, 15, 10 § 450; G. 1, 17, 2 § 326) (212).

(207). — Plutarco, *Antonius* 35; Cássio Dión, *ib.* 49, 22, 1s; B. Niese-E. Hohl 268; E. Schürer 1, 342; H. St. J. Thackeray 7, 680s. — Conforme G. 1, 16, 7 § 322 a chegada de Herodes decidiu a campanha; segundo A. 14, 15, 9 § 447 Antíoco pouco depois entregou a cidade; cf. G. 1, 17, 2 § 327. Plutarco não menciona a Herodes nesta altura.

(208). — W. W. Tarn, citado por H. St. J. Thackeray 7, 681.

(209). — W. Otto 29.

(210). — A. 14, 15, 10 § 448-450; G. 1, 17, 1 § 323 — 2 § 325. Conforme G. *ib.* 2 § 325 Feroras havia oferecido os 50 talentos pelo corpo de José.

(211). — Conforme G. 1, 17, 1 § 323 José vai a Jericó, para levar a colheita de trigo; conforme A. 14, 15, 10 § 448, para colher o trigo *dêles*, isto é, dos habitantes de Jericó. Além disto se diz *ib.* 11 § 454 que Herodes correu para Jericó, a fim de vingar na pessoa *dêles* (isto é, novamente dos habitantes de Jericó) a morte do irmão.

(212). — Em lugar de Iduméia em A. 14, 15, 10 § 450 lê-se Judéia. Note-se, contudo, que a Judéia, na época em questão, não estava em poder de Herodes, enquanto já anteriormente temia por levantes na Iduméia, enviando para lá seu irmão José, precisamente para preveni-los. Ver n. 159 e W. Otto 29; H. St. J. Thackeray 7, 682; F.-M. Abel 1, 344¹. — Procura-se a fortaleza de Guitá — *Gitthā* — na direção sudoeste de Hebrón, conforme G. 1, 17, 2 § 326. F.-M. Abel, *ib.* conta com a possibilidade de ter estado situada na Samaria.

165. — Herodes soube do desastre em Antioquia. Em marchas forçadas passou pelo Líbano, onde recrutou 800 montanhese, e onde se lhe juntou uma das legiões romanas enviadas por Sósio (n. 163). Passando por Ptolemaide, invadiu a Galiléia. Detido pela guarnição de uma praça forte e por um temporal violento, consegue avançar depois de alguns dias, quando lhe chega a segunda legião de Sósio (A. 14, 15, 11 § 451-453; G. 1, 17, 3 § 328-330). Avança então para Jericó, onde é ferido num encôntro com as fôrças de Antígono (A. ib. 12 § 457 — 13 § 463; G. ib. 5 § 333 — 7 § 341). Este, para desviar a atenção de Herodes, despacha em seguida, sob o comando de um certo Papos, um contingente contra Maqueras, que operava então na Samaria, enquanto Herodes estava ocupado em devastar o país. Dirigindo-se depois contra Papos, venceu e matou-o no combate decisivo de Isana, já nos confins da Samaria com a Judéia (A. 14, 15, 12 § 457 — 13 § 463; G. 1, 17, 5 § 333 — 7 § 341) (213). A cabeça de Papos, que fôra quem matara a José (n. 164), foi enviada a Feroras, em sinal da vingança cumprida pela morte do irmão (A. ib. 13 § 464; G. ib. 8 § 342) (214). A vitória de Isana assegurou a Herodes o domínio da Judéia, fora da capital, para onde se dirigiu na primavera de 37 (215), iniciando as operações de assédio no terceiro ano depois de sua nomeação para rei. Deixando os preparativos a cargo de seus lugar-tenentes, foi à Samaria, para celebrar, enfim, suas bodas com Mariame. Além de fazer delas um interlúdio do assédio, demonstrava seu desprêzo pelo inimigo (A. 14, 15, 14 § 465-467; G. 1, 17, 8 § 343s). Selava assim, de modo definitivo, e ainda em vésperas de conquistar sua capital, a aliança com a casa dos hasmoneus, aliança que lhe devia ser útil na consolidação de seu poder (216).

(213). — Em G. 1, 17, 5 § 334 lê-se *Caná*, nome rejeitado pelos autores em geral: W. Otto 30; H. St. J. Thackeray 2, 157. 7, 685; G. Ricciotti, *Flavio Giuseppe* 2, 100; F.-M. Abel, *Géographie* 2, 364. *Isana*, identificada, por sua vez, com a *Yeshana* de 2 Par. 13, 19; A. 8, 11, 3 § 284, procura-se em *Burdj el-isâneh*, a c. de 34 kms ao norte de Jerusalém, na estrada para Nablus; F.-M. Abel 1, 344²; id., *Géographie* 2, 364; H. St. Thackeray 7, 685, etc.

(214). — Em A. 14, 15, 11 § 455. 13 § 462s; G. 1, 17, 4 § 331. 7 § 340s refere José que Herodes escapou de morte certa em duas ocasiões, uma vez ao desabar o teto da casa em que se achava; outra, quando se banhava em um local onde se encontravam refugiados soldados inimigos, que não tiveram a coragem de matá-lo. Há diferenças nas narrações paralelas d'êste último evento em A. e G., tratando-se de duas versões; cf. W. Otto 30, nota. Estes contos, e o sonho de Herodes, em que teria previsto a morte de seu irmão José (G. 1, 17, 3 § 328), dão prova do gosto de José pelos fatos extraordinários; G. Ricciotti, *Flavio Giuseppe* 2, 102.

(215). — W. Otto 30. Ver no n. 171 as passagens de José, em que se fala do inverno que precedeu o sítio de Jerusalém.

(216). — W. Otto 30; F.-M. Abel 1, 345.

166. — Voltou em seguida com novas tropas a Jerusalém, onde afinal também chegou Caio Sósio com um exército imenso. As forças unidas de Sósio e de Herodes, que José, talvez exageradamente (217), calcula em onze legiões e 6000 cavallarios, sem contar as tropas auxiliares da Síria, acamparam no norte da cidade, seu único ponto vulnerável, e por onde já Pompeu iniciara seu ataque em 63 a. C. (218). Apesar da superioridade numérica dos sitiados e da experiência das tropas romanas (G. 1, 18, 2 § 349), o assédio, conforme uma passagem de José, durou cinco meses (ib. § 351) (219), conforme outra, a cidade caiu no terceiro mês (A. 14, 16, 4 § 487), ou em menos tempo ainda. Os sitiados haviam construído três linhas de defesa (A. ib. 2 § 473), a primeira das quais foi tomada depois de quarenta dias, a segunda ao termo de quinze dias, caindo vítimas das chamas alguns dos pórticos do templo (A. ib. § 476).

167. — A resistência dos sitiados foi desesperada, manifestando-se em toda a sorte de sortidas e contra-ataques, na construção de minas e em lutas corpo a corpo (A. 14, 16, 2 § 470-476; G. 1, 18, 1 § 347-351). Tal resistência era perfeitamente inteligível, diante do destino que esperava grande parte dos sitiados, como os sucessos provaram. Nesta luta de vida e de morte não se tratava apenas da sorte de Antígono, mas de toda a nobreza saducéa, inimiga de Herodes (n. 105), e fatora dos hasmoneus. Diversa era a situação dos fariseus, que haviam sempre sido contrários aos hasmoneus e à união entre a realza e o sumo-sacerdócio (220). Lemos, com efeito, que dois fariseus, Poliôn e Samaias, aconselharam o povo para que abrisse as portas a Herodes, pelo que foram poupados por este. Fora Samaias, quem outrora teria acusado a Herodes perante o sínédrio, e predito a sorte que os esperava às mãos d'ele (221). Por outro lado, não podiam os fariseus ser amigos do senhor estrangeiro (222). Deve-se, pois, procurar a verdadeira razão para submeter-se, nas palavras de Samaias, quando dizia que o povo, por causa de seus pecados, não podia escapar a Herodes (A. 14, 9, 4 § 176). Via-se no do-

(217). — G. Ricciotti 376.

(218). — A. 14, 16, 1 § 468s. 15, 14, § 466; G. 1, 17, 9 § 345s. 8 § 343, e ainda A. 14, 14, 2 § 60; G. 1, 7, 3 § 145. No mesmo local, o monte Scopus, de onde se obtém a primeira vista da cidade, também Tito iniciará o assédio, G. 5, 2, 3 § 67s.

(219). — Concordam J. Felten 1, 113; W. Otto 30; F.-M. Abel 1, 345.

(220). — Ver E. Schürer 1, 287-289; G. Ricciotti 336s.

(221). — A. 15, 1, 1 § 3; cf. 14, 9, 4 § 172-176 e o n. 110.

(222). — E. Schürer 1, 419.

mínio do estrangeiro um flagelo de Deus, a que cumpria submeter-se com paciência (223). Que o próprio Herodes teria preferido que a cidade se rendesse voluntariamente, prova-o o fato de êle aceder ao pedido dos sitiados e mandar os animais necessários para não cessarem os sacrifícios diários (A. 14, 16, 2 § 477). O gesto, calculado para ganhar as simpatias do povo para o estrangeiro, respeitador da lei, não logrou o efeito desejado.

168. — Conseguiram, enfim, os atacantes tomar os pátios externos do templo — τὸ ἔξωθεν ἱερόν (A. ib. § 477), τὰ Περὶ τὸ ἱερόν (G. 1, 18, 1 § 351) — e a cidade baixa, situada ao sul do templo, enquanto os sitiados se refugiaram no interior do santuário — τὸ ἔσωθεν ἱερόν (A. ib.) — e na cidade alta, ficando assim divididos em dois grupos. Ao assalto final seguiu-se uma carnificina geral, estando os romanos exacerbados pela duração do sítio, e as tropas judaicas de Herodes ávidas por vingar-se dos inimigos. A custo conseguiu Herodes que seus aliados estrangeiros se abstivessem de profanar o templo (A. 14, 16, 3 § 482s; G. 1, 18, 3 § 354). A luta sem quartel e a pilhagem geral foram tais, que Herodes viu-se obrigado a intervir junto de Sósio. Os romanos, tirando-lhe as posses e os súditos, deixá-lo-iam rei de um deserto. Devia, outrossim, estar ansioso para não se indispor ainda mais com aquêle, que devia ser seu povo. A custo salvou o que restava da cidade, compensando a cada soldado e oficial, e ao próprio Sósio, com presentes liberais de seu próprio bôlso (A. 14, 16, 2 § 477-480. 484-486; G. 1, 18, 2 § 351s. 355-357). Durante as lutas finais Antígono descera do castelo, situado provávelmente no lugar da posterior tôrre Antônia, e se lançara aos pés de Sósio. Recebeu-o êste com escárneo, mas, não obstante chamá-lo zombateiramente de Antígona, não o tratou como mulher, mas o pôs em ferros (A. ib. § 481; G. ib. § 353). Depois de dedicar uma corôa de ouro a Deus, partiu com suas tropas e Antígono (A. 14, 16, 4 § 488; G. 1, 18, 3 § 357). Entregou-o a Marco Antônio, que havia voltado ao Oriente, e se encontrava no momento em Antioquia (224).

169. — Antígono, que não perdia as esperanças até o fim, foi mandado decapitar em Antioquia mesmo, encontrando assim, na opinião de José ou de suas fontes, o fim digno de sua carreira ignominiosa (G. 1, 18, 3 § 357). Conforme Cássio Diôn foi mandado flagelar amarrado a uma cruz, punição que ne-

(223). — E. Schürer 1, 420; A. H. M. Jones 49.

(224). — Em 37-36 a. C.; B. Niese-E. Hohl 270; H. St. J. Thackeray 7, 701.

hum rei jamais sofrera às mãos dos romanos. Em seguida foi mandado decapitar ou degolar (225). Também outros escritores notam o fato com certa indignação. Plutarco nos diz que Antígono foi decapitado publicamente, suplício que nenhum rei até então havia sofrido (226). Estrabão, em um fragmento de sua obra histórica perdida, citado no mesmo sentido por José, acrescenta ainda o motivo desta execução. No entender de Marco Antônio não havia outro meio para mudar os ânimos dos judeus e conseguir que reconhecessem a Herodes como rei, pois nem pela tortura podiam ser induzidos a isto, tal a estima do rei anterior. Com o fim ignominioso deste devia forçosamente diminuir o ódio por Herodes (A. 15, 1, 2 § 9s). José cita as palavras de Estrabão em abôno de sua própria opinião (ib —). Abstraindo do exagêro óbvio na apreciação da estima popular de Antígono, é esta motivação perfeitamente aceitável. Um pretendente vivo era uma ameaça constante para o novo regime, uma vez que a grande massa do povo era contrária a êle, e devia simpatizar, ao menos por êste motivo, com o monarca deposto, que, afinal, era um rebento da casa legítima e sumo-sacerdote. Ora, estava no interesse de Roma e do próprio Marco Antônio, ver instalado na Palestina um regime forte e dedicado a êle e aos romanos em geral (227).

170. — Em outra passagem, contudo, José dá outra explicação. Herodes temia que Antígono, levado a Roma, tivesse ocasião para advogar sua causa perante o Senado, e demonstrar que descendia de reis, enquanto Herodes era apenas um plebeu. Seus filhos, portanto, deveriam reinar em seu lugar, dada a sua descendência, mesmo quando êle mesmo ofendera os romanos (228). Herodes, por conseguinte, teria oferecido larga soma a Marco Antônio, e te-lo-ia persuadido desta forma a desfazer-se de Antígono (A. 14, 16, 4 § 489s). Nesta explicação deveria supor-se que Herodes já não tinha a certeza de que os romanos continuariam a preferi-lo aos hasmoneus, como haviam feito em 40 (229). Alguns autores atribuem esta explicação a uma fonte contrária a Herodes (230),

(225). — *Historia Romana* 49, 22, 6. O verbo *apospháttein* tem os dois sentidos, como *degolar* em português.

(226). — *Antonius* 36.

(227). — W. Otto 32s; ver também A. H. M. Jones 51.

(228). — Ver a resposta de Antígono a Silo e aos romanos depois da proclamação de Herodes no primeiro assédio de Jerusalém A. 14, 15, 2 § 404 e n. 157.

(229). — H. St. J. Thackeray 7, 701.

(230). — W. Otto 34.

outros a admitem (231). As duas explicações, contudo, parecem completar-se. Se o temor de Herodes parece infundado ou inverossímil (232), a existência, todavia, de Antígono representava um perigo para êle. As apreensões de Marco Antônio, a respeito da atitude dos judeus, descritas por Estrabão, deviam naturalmente, fundar-se em informações provindas da Judéia. Ora, o informante mais seguro, e também o mais interessado, era o próprio Herodes. Assim pode dar-se que as informações de Herodes juntamente com seu dinheiro decidissem a Marco Antônio a desfazer-se de Antígono.

171. — Conforme Cássio Dión a queda de Jerusalém deu-se durante o consulado de Apio Cláudio e Caio Norbano, isto é, em 716 a. U. c. = 38 a. C. (233). Segundo José, pelo contrário, deu-se ela no consulado de Marco Agripa e Caio Canínio Galo, na 185a. Olimpíada, no terceiro mês, na festa do jejum, no mesmo dia, em que a tomara Pompeu 27 anos antes (A. 14, 16, 4 § 487), o que nos leva ao ano de 717 ab U. c. = 37 a. C. (234), data que os autores em geral preferem à de Cássio Dión (235). Herodes, com efeito, tomou a cidade no terceiro ano depois de sua nomeação para rei em 40 (A. 14, 15, 14 § 465), ou seja, em 37 a. C. (n. 140). A batalha de Accio, que se travou no ano 723 ab U. c., isto é, em 31 a. C., teve lugar no sétimo ano do reinado de Herodes (A. 15, 5, 2 § 121; G. 1, 19, 3 § 370), ou então, tomando desta vez como ponto de partida o reinado efetivo de Herodes depois da tomada de Jerusalém, em 37 a. C. Herodes ainda tomou a cidade vinte e sete anos depois que fôra tomada por Pompeu. Tomando a expressão como significando no vigésimo sétimo ano, chegamos a 63 a. C. = a 37 a. C. (236). Pácoro foi batido por Ventídio em junho de 38 a. C. Segue-se o assédio de Antíoco de Comagene em Samósata. Somente depois de iniciado o sítio, o mais cedo, portanto, em julho de 38, Marco Antônio aparece em cena e re-

(231). — E. Schürer 1, 398s; U. Holzmeister 28; G. Ricciotti 376; R. H. Pfeiffer 27. — Não mencionam a explicação H. Duesberg 108; A. H. M. Jones 51; F.-M. Abel 1, 346.

(232). — W. Otto 33s.

(233). — *Historia Romana* 49, 23, 1. Ver V. Ehrenberg-A. H. M. Jones (ver n. 81) 33.

(234). — V. Ehrenberg-A. H. M. Jones (ver n. 81) 33. José em geral não indica o ano da Olimpíada, ver n. 140 e A. 14, 4, 3 § 66. A 185a. Olimpíada começou em 1.º de julho de 714 ab U. C. = 40 a. C., e terminou em 30 de junho de 717 ab U. C. = 37 a. C.; ver E. Schürer 2, 395; H. St. J. Thackeray 7, 700.

(235). — E. Schürer 1, 397¹¹; U. Holzmeister 28s; id., *Chronologia* 19; F.-M. Abel 1, 345; W. Otto 31, nota; J. Felten 1, 114; R. H. Pfeiffer 27; A. H. M. Jones 49; G. Ricciotti 376.

(236). — U. Holzmeister 28s; id., *Chronologia* 19.

cebe a visita de Herodes (n. 163). Tendo Samósata capitulado depois de um longo assédio (237), Marco Antônio ordena a Sósio que vá em socorro de Herodes. Foi, por conseguinte, no outono de 38 que Herodes poderá ter recebido o auxílio efetivo de Sósio. Além disto José afirma várias vèzes que passara um inverno antes que Jerusalém fôsse tomada (A. 14, 15, 11 § 453. 12 § 461. 14 § 465. 16, 2 § 473). Contando ainda com os meses do assédio (n. 166), não se pode fixar uma data anterior ao verão de 37 a. C. para a tomada de Jerusalém (238).

172. — Discutem-se o mês e o dia da tomada de Jerusalém. Deu-se ela, conforme o texto citado de José, na festa do Jejum — τῆ ἑορτῆ τῆς νηστείας —, que se toma comumente pelo dia da Expição, 10 de Tishri, que em 37 a. C. teria caído em 3 de outubro (239). Cássio Dión fala no dia de Kronos, que seria um sábado (240). O texto de José teria a seu favor a menção do terceiro mês se êste se referisse ao 4.º ano da 185.a Olimpíada, que começou em 1.º de julho de 37 a. C. Com isto, todavia, não combinam as passagens em que êle diz que a cidade foi tomada no 5.º mês ou em menos tempo ainda (n. 166), o que se refere, evidentemente, ao tempo decorrido desde o início do sítio. Quanto ao texto de Cássio Dión, apelo-se para o êrro comum entre os escritores pagãos de considerar o sábado um dia de jejum (241), mas não se pode atribuir tal engano a José (242). Por outro lado, será difícil admitir que Herodes, nesta ocasião suprema, em que se preparava para assumir definitivamente o govêrno do povo judaico, tivesse ordenado o ataque num sábado, dia em que só se permitia a guerra defensiva (243). O fato de êle ter fornecido nesta mesma ocasião vítimas para os sacrifícios diários, e ter pre-

(237). — Plutarco, *Antonius* 34.

(238). — E. Schürer 1, 397^{II}.

(239). — W. Otto 31, nota; J. Felten 1, 114^I. Conforme F. X. Kugler, *Von Moses bis Paulus*, Münster i. Westf. 1922, 420, o dia 10 de Tishri de 37 a. C., segundo o calendário juliano, corresponde a 5-6 de outubro.

(240). — *Historia Romana* 49, 22, 5; cf. 37, 16, 2 e 4, e 17, 4.

(241). — Estrabão, *Geographica* 16, 2, 40 (p. 763); Suetônio, *Augustus* 76 (opinião de Augusto).

(242). — W. Otto 31, nota.

(243). — Esta concessão começou a entrar em vigor no início da guerra dos Macabeus, 1 *Mac.* 2, 34-42; A. 12, 6, 2 § 276s; cf. ib. 1, 1 § 4-6; 14, 4, 2 § 63; 18, 9, 2. O costume do descanso sabático é mencionado pelos escritores pagãos, e vários conquistadores de Jerusalém e de outras cidades aproveitaram daquêle fato, como Ptolomeu I (A. 12, 1, 1 § 4-6; Ap. 1, 22, § 209-211), Ptolomeu VIII Latiro (A. 13, 12, 4 § 337), Pompeu (A. 14, 4, 2 § 63 — 3 § 65; Estrabão, *Geographica* 16, 2, 40 [p. 763]; Cássio Dión, *Historia Romana* 37, 16, 1-4); ver E. Schürer 4, 105; J. Felten 2, 7.

venido a profanação do templo (n. 167s), mostra que êle estava empenhado em não ofender, no momento, os sentimentos religiosos dos judeus. Assim talvez se trate em José de duas fontes contraditórias, das quais uma de caráter anti-herodiano, empenhada em ligar à memória de Herodes um gravíssimo desrespeito à lei; empenhada, por outro lado, em explicar a possibilidade da derrota judaica, que se deu num sábado, ou até no dia da Expição. De modo semelhante afirmava-se que a cidade fôra tomada num dia de sábado ou de festa também por Ptolomeu I, por Pompeu e por Tito (244). Os autores em geral optam pelo mês de junho ou julho de 37 a. C. (245), a não ser que prefiram não se pronunciar numa questão, que ainda não parece ter encontrado solução satisfatória (246).

173. — Narrados êstes fatos todos, e concluindo com a execução de Antígono, termina José: cumprido isto, Herodes ficou livre do mêdo que tinha, e desta forma cessou o govêrno da linhagem de Hasmoneu após cento e vinte e seis anos. Foi ela uma casa ilustre e famosa, tanto por sua linhagem, quanto por seu honroso officio sacerdotal, e ainda por tudo aquilo que seus pais fizeram pela nação. Êles, contudo, perderam o govêrno em consequência de suas lutas rivais, e passou êle para Herodes, filho de Antípater, que provinha de família comum e de linhagem plebéia e sujeita aos reis. Êste, pois, foi o fim do gênero dos hasmoneus, como êle nos foi transmitido (A. 14, 16, 4 § 490s) (247).

(Continua no próximo número).

D. JOÃO MEHLMANN O.S.B.

Da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor visitante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

- (244). — W. Otto 31, nota. O fato de os dados de José se completarem pelos autores pagãos (nota precedente), mostra que suas notícias a êste respeito não foram inventadas. Também o ano sabático por vêzes se cita para explicar derrotas judaicas, como em 1 Mac. 6, 48s; G. 1, 2, 4 § 160; A. 12, 9, 5 § 378; 13, 8, 1 § 234; 14, 16, 2 § 475; 15, 1, 2 § 7; ver W. Otto ib.; E. Schürer 1, 397¹¹; U. Holzmeister, *Chronologia* 19s.
- (245). — W. Otto 31; A. H. M. Jones 48; H. St. J. Thackeray 7, 701; E. Schürer 1, 397¹¹; F.-M. Abel 1, 345.
- (246). — U. Holzmeister 28. — Sôbre tôda esta questão ver sobretudo E. Schürer ib.; W. Otto, 31, nota; F. X. Kugler, ib. (ver nota 239) 415-422.
- (247). — Os 126 anos do texto referem-se ao período decorrido desde a fuga do sumo-sacerdote Onias IV para o Egito, A. 12, 9, 7 § 387s; H. St. J. Thackeray 7, 703.